

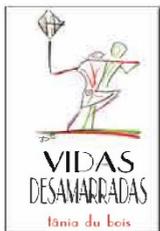
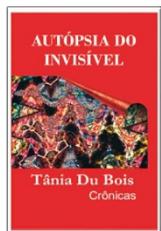
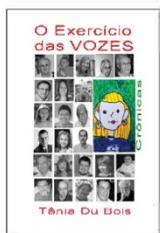
# ELES

em diferentes dias



TÂNIA DU BOIS

## A vida é um dia sem culpa



[1]

# **ELES**

## **EM DIFERENTES DIAS**

**TÂNIA DU BOIS**

CRÔNICAS

1ª Edição  
Outubro 2018



tânia du bois

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Arte da capa: Espelhos, óleo sobre tela de Márcia B. Aliprandi /Projeto Passo Fundo

Capa: Tânia Du Bois

Revisão: Marina Du Bois

D815e Du Bois, Tânia

Eles em diferentes dias [recurso eletrônico] / Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

3,8 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-362-3

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.  
I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



**“Os dias / um dia animado / outro dia nem tanto. / Um dia triste  
/ outro entediado. / Um dia esperançoso / outro desanimado. //  
...Os dias indiferentes a mim”.**

(Júlio Perez)



## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO 11

### A DIFERENÇA ENTRE OS DIAS 13

### ELES E AS PALAVRAS 19

Affonso Romano de Sant'Anna: ecos da realidade

Antônio Olinto: teoria do homem

Alcides Buss: cadernos da noite

Armindo Trevisan: carta ao Brasil

Álvaro Mutis: sua poesia

Agostinho Both: para onde vão nossas casas

Adriano Nunes: descubra a poesia no dia a dia

Amilton Carvalho: maneiras de ser

Benedito Cesar Silva: momento de reencontrar

Borboleta: prazo de validade, um último trago

Carlos Jorge: descoberta fantástica

Carlos Pessoa Rosa: em palavras

Carlos Higgin: o importante é ser perguntável

Charles Dickens

Chico Buarque: roda viva

Clauder Arcanjo: licânia

Francisco Alvim: qual o real da poesia?

Gilberto Cunha: polêmica, as mudanças

Gilberto de Oliveira Borges (GIGI): ecos do passado

Humberto Mauro: retrato

Ivaldino Tasca: a prosa está viva

José Saramago: todos os nomes

João dos Santos: o livro das metades do João

Jorge Luis Borges: entretantos

Jorge Tufic: coral das abelhas

Jorge Xerxes: ponto de partida  
Júlio Cortázar: poesia da imagem  
Júlio Perez: a bolsa de minha mãe e outros poemas  
Lêdo Ivo: paisagem  
Luiz Otávio Oliani: o avesso do verso  
Luiz Felipe Loureiro Comparato: o livro roteiro  
Machado de Assis: lembrança  
Max Martins: em busca do novo  
Mario Quintana: o poeta diante da sua arte  
Manoel de Barros: “o grande poeta de pequenas coisas”  
Márcio Almeida: sonhar  
Miguel Guggiana: bar, um olhar  
Nuno Dampster: a lua  
Nilto Maciel: a magia se renova  
Paulo Monteiro: o Poeta da cor do tempo  
Roberto Piva: “além das letras? Há vida”  
Thomaz Albornoz Neves: exílio  
T.S.Eliot: a poesia  
W.J.Solha: nada é impossível

## **ELES EM SUAS DIFERENÇAS 117**

Mundo mágico: ser pai  
Ser pai: um talento  
Que tipo de Pai é você?

## **ELES NO MOVIMENTO DOS DIAS 125**

Movimento dos dias  
Bem viver: o encontro dos poetas  
O tom da impressão  
Chefe manda  
Dias perdidos  
Hoje

**ELES**  
**EM DIFERENTES DIAS**



**TÂNIA DU BOIS**



Para quem acredita no poder  
temporal através dos afazeres diários:

**“Em um dia do homem estão /  
os dias do tempo”**  
(Jorge Luis Borges)



## A DIÁRIA JORNADA PELAS DIFERENÇAS LITERÁRIAS

Pedro Du Bois

**ELES** Tânia escreve crônicas que transitam entre a sua literatura e a de terceiros, de quem busca fragmentos para ilustrar seus textos. Nesta obra ela se esmera na consolidação e concentração de nomes representativos na arte literária, brasileiros ou não. Traz figuras *carimbadas*, sempre presentes nos diversos e diversificados eventos e aquelas (ainda) não reconhecidas e/ou conhecidas do grande público. Grande público que, ao tratarmos da cultura e civilização através da palavra escrita, não leva a grandes tiragens e vendas. Impressiona constatar a quantidade de novos/antigos escritores, ainda não premiados ou homenageados com salamaleques, que Tânia encontra e (re)apresenta aos seus leitores. Garimpagem, seleção, tino, senso, vontade e perseverança. Nada foge a sua procura. Elenca em seus textos ilustrações diversas que transitam entre a literatura e a condição humana, sempre atentando para dignificar a boa redação poética e prosaica. Nem um nome lhe escapa: *“Pedro, pegue aqueles livros para mim; sim, o do fulano e o do sicrano”*.

**OS DIAS DIFERENTES** Neste livro os dias são – efetivamente – diferentes no sentido atemporal. Tânia não procurou colher os amanheceres dos escritores, mas, com sentido aguçado buscou em cada um as obras significativas a enfeixarem – então, sim – a diferença em seus dias. Sua busca resulta gratificante, por alcançar os objetivos de dar a cada situação a ilustração necessária ao colorido textual e literário para o fechamento de suas crônicas.

**ELA** Tânia Du Bois, cronista, capista, revisora, orientadora literária. Sua vontade transcende os dias, diferentes ou não. Sua busca engloba o sentimento de humanidade nela contido. Seus textos evidenciam a progressão diuturna de suas criações. Engana-se quem, por isso ou aquilo, pensa Tânia compor suas crônicas através das ilustrações. *Nana nina não*. Seus textos partem de pensamentos sempre antenados em relação ao mundo que nos cerca. Assuntos diversificados em relação à natureza e ao caminhar humano. Com sucesso, traduz o cotidiano sob o ponto de vista ético e estético da criação literária, nas diversas e diversificadas nuances que nos acompanham. Escrito o texto, busca as ilustrações. Diga-se, sem favor algum, conhecer e lembrar os livros presentes nas prateleiras. Em geral, sabe exatamente com que obra e em qual autor estará o texto que ilustrará o trabalho. Dito e feito. Lá encontra – como diz – o coroamento da sua crônica. Com alegria e certeza desejo boa leitura a todos.

## A DIFERENÇA ENTRE OS DIAS



**“Dias, tempo que temos para declarar nosso nome”  
(Juliano G. Pessanha)**



## **A DIFERENÇA ENTRE OS DIAS**

Vivo num mundo entre valores diários em que os homens sobrevivem em diferentes dias através da palavra que os eterniza. O segredo talvez seja saber como será o dia de hoje e, amanhã, o necessário para criar a coreografia de acordo com cada estilo de vida e, assim, reinventar os dias.

A diferença entre os dias é inventada pelos homens ao produzirem a sensação de prazer, como a certeza de que a emoção é o reflexo nas próximas palavras e nos dias. Embora tal diferença possa ser extraída de cada motivo, cada gota de expressão, cada instante como desafio para incorporar as mudanças ao valorizar os diferentes dias e ter a consciência da realidade como alicerce da vida.

Eles em diferentes dias saciam cada desejo ao traçarem metas e darem nomes aos sonhos. Como contraponto, acredito que a diferença dos dias quebra o silêncio ao não se repetir e, ainda, marca o imprevisto ao estabelecer novos caminhos: as atitudes e as criações refletem em dias diferentes, enquanto eles tornam os meus dias leves e eu mais forte.

## **SEGUNDA-FEIRA: ELAS E AS PALAVRAS**

Palavras escritas são jogos lúdicos da literatura. Poesia, conto, romance, ensaio e crônica são ferramentas importantes no dia a dia, sejam simples ou não, dão momentos de entretenimento. Ao viver faço um mapa na minha cabeça e com certeza, há arte nos dias, iluminando as manhãs. Busco a

literatura para dar sentido ao tempo e a possibilidade de novas experiências, bem como o equilíbrio entre o prazer de ler e o gosto pela vida. Reflito sobre a importância dos escritores, porque eles me permitem perder a noção da hora, rejuvenescer ao lê-los e ativar a criatividade entre o significado e o significante. E, ainda, suas ideias luminosas acendem os traços nas telas, fazendo a diferença em meus dias.

### **TERÇA-FEIRA: PARA VIVER OS DIAS**

A Lua de dia afeta meu pensamento, assim como os escritores refletem em palavras o que me resta: o sorriso. E os pintores na sensibilidade. Então, quando posso, sigo-os pelos sobressaltos das paisagens por eles desenhadas e sinto-me cúmplice com o que eles me dizem para viver os dias.

### **QUARTA-FEIRA: OS DIFERENTES DIAS**

Ao ler algo “intocável” lembro-me das noites desveladas pelas artes, que sussurram em palavras trazidas pelo vento, rabiscando os traços, com recortes inusitados valorizam as curvas e fazem a diferença em meus dias, no olhar e a quem não tem nada a esconder.

### **QUINTA-FEIRA: O REFLEXO DO DIA**

Não tenho uma resposta, apenas “leio” os escritores e reinvento os dias para vivenciar nas artes: literária e plástica. Como beleza exposta em suas vontades; o mar no entardecer; as lembranças ao sabor amanhecido e as palavras ao vento feito navalha.

### **SEXTA-FEIRA: O AVESSO DA SOMBRA**

Em novos horizontes forjo a diferença entre os dias, onde o movimento das palavras e dos traços dá a exata liberdade para o meu silêncio não perpetuar na sombra, quando reveladas as palavras em gestos como combinações de alto impacto de personalidade compondo os meus dias.

### **SÁBADO: EM CADA DIA, DESFILA O PRESENTE**

Ao ler as palavras emprestadas dos escritores, passo por intermináveis momentos, como se estivesse dançando na chuva; se a promessa fosse cumprida; se a liberdade fosse escolha. Mas, poucos sabem que o desfile dos autores na passarela das artes está presente em cada dia do meu viver, como os primeiros movimentos da manhã, quando escondo quem realmente sou.

## **DOMINGO: O DIA DE HOJE**

À sombra do meu sorriso, me desvelo entre as fendas das páginas do livro com as palavras como permanência, onde me refugio para a vida escoar livre e equilibrar seu jogo, para o meu olhar ser crítico e cúmplice do discurso de hoje, que se repetirá amanhã. Luis Augusto Cassas reflete, *“O que me dói / nesse domingo, / é o desperdício do ser”*.

## **ELES, EM DIFERENTES DIAS**

Os escritores dizem que em cada sorriso se apresenta um dia diferente. Eu digo que em cada obra reencontro o vento invadindo as frestas dos sentidos, como extrato para viver e, assim, sinto-me transfigurada ao seguir as obras como rastros na vida, o que torna diferente os meus dias. Segundo Manoel de Barros, *“O tempo dele era só / não fazer as mesmas coisas todos os dias”*.

## ELES E AS PALAVRAS



**A palavra descreve o homem**



## AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA: Ecos da Realidade

No poema “A Implosão da mentira”, de Affonso Romano de Sant’Anna encontro a declaração da mentira como ecos da realidade, *“Mentem, sobretudo, impune/mente. / Não mentem tristes. Alegremente / mentem./ Mentem tão nacional /mente / que acham que mentindo história afora/ vão enganar a morte eterna/mente”*.

Parece ser o que realça o poeta. Encontro o contexto que atinge o homem em momento de pura eternidade, *“Mentem. Mentem e calam. Mas suas frases / falam. E desfilam de tal modo nuas / que mesmo um cego pode ver / a verdade em trapos pelas ruas”*.

O poema abrange duas correntes críticas: de um lado, uns caminham para a mentira e, do outro, acreditam na mentira como verdade. Affonso, com o poder de toque próprio, mostra ideias abordadas na poesia, de que o homem maneja elementos de verdade e tenta dar-lhes forma e consistência, defendendo sua sobrevivência, *“Sei que a verdade é difícil / e para alguns é clara e escura. / Mas não se chega à verdade / pela mentira, nem à democracia / pela ditadura”*.

Há lucidez entre verdades-mentiras e o poeta, na obra, concede a extensão das possibilidades de a poesia ser poesia, permanecendo entre nós as suas palavras e o lado “claro e escuro” que o torna ponto de referência para o caminho do leitor.

Affonso, no poema, como manifesto, realiza uma poesia diferente, que faz sentir o espírito de uma época; ecos da realidade que ligam a arte de escrever com a arte de viver, em processo que tem por cenário a palavra mentira, como

questionamento, sem perder a capacidade de acreditar, *“Mentiram-me. Mentiram-me ontem / e hoje mentem novamente. Mentem / de corpo e alma, completamente. / E mentem de maneira tão pungente / que acho que mentem sinceramente”*.

O poema, *A Implosão da Mentira*, é o estado natural que une o momento à invenção da verdade, como conversa em que a mentira assume sua nossa vivência. Ele, à sua maneira, deixa marcas sobre o contexto que nos move diariamente.

*“Página branca onde escrevo. Único espaço / de verdade que me resta. Onde transcrevo / o arroubo, a esperança, e onde tarde / ou cedo deposito meu espanto e medo. / Para tanta mentira só mesmo um poema / explosivo –conotativo / onde o advérbio e o adjetivo não mentem / ao substantivo / e a rima arrebenta a frase / numa explosão da verdade. // E a mentira repulsiva se não explode pra fora / pra dentro explode / implosiva”*.

Ecos da realidade reflete a poesia de Sant’Anna, sensivelmente estruturada em relação à consciência e à vivência, permitindo ver a realidade e a natural reação ante a mentira. É poesia de pequenas / grandes verdades, vivíssima e atuante no leitor. Revela as mentiras reconhecidas pelo poder do tempo dando vazão aos acontecimentos e nos ensinando a sobreviver.

## ANTÔNIO OLINTO: Teoria do Homem

O reconhecimento é um dos principais incentivos ao homem que se dedica à vida. O homem nasceu com o objetivo de prestigiar e difundir o trabalho. É reconhecido pela tenacidade com que vence os desafios e toma suas decisões; pela sua persistência, empenho e capacidade de transformação – tudo isso o leva para ter grande representatividade e respeitabilidade. Ele também sobrevive à história do seu país e podemos perceber seu crescente interesse por sua participação na sociedade. Segundo Mario Quintana: *“o que salva nossa triste condição de homo sapiens é que não se pode ter certeza nem da própria dúvida”*.

O processo criativo é diferente em cada um, porque o homem age, pensa e sente de modo diferente. Para cumprir funções do cotidiano, como ler um livro, escrever, andar na rua, descansar e até para ficar triste, sempre privilegiam a cultura, a escola, a família e ainda mais, a vida em sociedade.

O fundamental é lembrar a grandeza dessas distribuições, e o mais interessante é constatar o que Antonio Olinto retrata em seu poema *Teoria do Homem*: *“O começo do homem é o fim do homem / o começo é o fim / o começo é o homem / o homem é o fim / meço o homem pelo fim / o fim é a medida a medida é o começo / a medida é o meio o meio é o medo / o vulto é o vento / o vento bate na bandeira / parece passo na pressa / o passo é a pressa / a pressa é o modo / o modo é o mito / o mito é a meta / o fim é o mito / o mito é o começo / o começo do homem é o fim do homem / o fim do homem é o começo do homem.”*

Antônio Olinto é um nome em destaque na literatura brasileira. Falar sobre ele é lembrar as suas reflexões sobre a

poesia do modernismo brasileiro; ao expressar que elas podem refletir em diversos ângulos de um analista; *“e que podem mudar de janela para abarcar porções mais largas da paisagem”*. Deixo aqui algumas de suas reflexões, onde destaca a harmonia entre o significado e o significante na poesia:

*“A poesia é a linguagem primeira do homem. Primeira, primária, primeva e primitiva. O poeta vai ao fundo das coisas e recupera a força primitiva da língua”*.

*“Que valor tem a poesia? Qual a posição do poeta perante o tempo? As perguntas são velhas... inclusive no efeito prático do poema sobre o homem que o lê”*.

*“Uma vez mergulhada na corrente profunda e ampla de seus densos significados, a poesia tem força para ultrapassar medidas, tamanhos e estruturas. Fincada nessa raiz e plantada no presente, a poesia também se nutre do futuro.”*

*“Ao tempo... um poema não brota do nada, mas aproveita toda uma tradição cultural, verbalista e pensamental de uma corrente do homem.”*

*“Mergulhando na poesia, ou deixando que a poesia mergulhe no mais fundo de si mesma, que o homem se coloca em estado receptivo/ativo, capaz de surpreender verdades da condição humana.”*

*“Poesia não precisa de explicação. Mas é próprio de sua natureza o surgir ideias através das idades.”*

*“... fazemos repousar a poesia que o homem engenha, e a crítica e a metacrítica, dirigida a essa poesia.”*

*“A percepção do poema com base nesta esperada / inesperada surpresa, termina surgindo como condição indispensável à invenção da verdade que, por momentos, elevem o homem acima de sua contingência.”*

*“A muitos vem parecendo que a análise sistemática dos elementos constitutivos da obra de arte – de um poema – pode ser feita com base em qualquer teoria crítica do momento.”*

*“Temos necessidade de discutir a poesia. Nos momentos de crise geral, é o poeta quem primeiro percebe o sinal de transformação.”*

*“Vivemos tempos eminentemente críticos. Viver em crise é o estado atual da cultura. Cultura que se preza vive em crise. E em mudanças.”*

*“Está à poesia brasileira passando por uma fase de muita riqueza, no sentido de que todos os caminhos poéticos são aqui experimentados.”*

*“Poesia é, neste País, das coisas mais vivas e mais avançadas que existem... o poeta novo começa a fazer versos e a sacudir a mesmice de estilos. Ou, grandes poetas de ontem – então de sempre – rompem sua própria rotina e renovam-se”.*

Antônio Olinto abraçou a literatura e a cultura semeando na paisagem porções mais largas do entendimento poético necessário ao homem como ser. Lembrar sua grandeza pessoal e a grandiosidade da sua obra é prazeroso.

## ALCIDES BUSS: Cadernos da Noite

Segundo Lauro Junkes, Alcides Buss apresenta-se como um exímio da palavra rica em conteúdo de sua sonoridade, de seu ritmo e articulação. Nele, há a preocupação com a palavra natural e espontânea, exata e adequada.

Buss trouxe sensível contribuição à poesia catarinense, é autor do livro *Cadernos da Noite*, onde apresenta poemas sóbrios, porém modernos. Extrai a tônica da sua poesia, cuja obra foi avaliada como a sua melhor produção, a ponto de se transformar em obra de arte.

*Cadernos da Noite* situa o poeta e caracteriza a sua produção literária, conquistando o leitor. Miguel Sanches Neto expressa, “... nos poemas de *Cadernos da Noite*, encontramos a melhor produção poética de Alcides. É o poeta dos solidários estados da alma, marcados pela consciência das incertezas temporais”, como podemos observar no poema, “*O dia vem, o dia vai / e só vivemos um dia / a vida toda. / Um dia ou quantos dias, / semanas meses ou anos? / Oh, nada sabemos / a não ser que um dia / é quanto temos para viver*”.

Buss literariamente coloca dentro da moldura, de modo muito particular, o não ser e isso aumenta sua percepção e salienta sua característica, levando o escritor a um período de linhas definidas, como: “*Por mais que nos livramos / Mais estamos em nós / Sem nós mesmos*”.

Grande poeta, versos profundos. Realmente, sensível às formas de beleza, o verso nas mãos de Buss ganham corpo e ritmo. E na criação mais significativa de sua inspiração, *Cadernos da Noite*, se conservará sempre, ou seja, o gosto pela forma

apurada – e os versos não ser, constituem a ponte de ligação entre dois mundos -, ele os delimita e os liga ao mesmo tempo, da sombra se encaminha para a luz.

Mansueto Bernardi escreveu que *“Tudo... há de em sombra reverter. Em tudo, a sombra está, como um agouro. Tudo na vida é sombra a se mover”*.

## ARMINDO TREVISAN: Carta ao Brasil

*"Te escrevo Brasil / com o osso / mais velho / que te sustentou // Te escrevo / no olho da luz / antes da primeira / fome / com a fome / de tua boca... // Te escrevo / com o berro / de qualquer coisa / com o coice / que devastou no ar / perseguição da palavra / para tamanha / falta de vida // Te escrevo / com o couro / aninhado / na bala / com a bala / fugida / da ignorância / com o estouro / dos miolos // Te escrevo / com o sol / esvaziado sobre os ossos / com a corda / do soluço // Te escrevo / porque somos / tua própria / geografia // Te escrevo / porque ardemos / nas veias / de tua / indecisão // Te escrevo / porque / já não és / um gemido / de mundo / mas o próprio / mundo / a apalpar-se / em nós."*

Carta ao Brasil é um poema do grande escritor Armindo Trevisan, contido no livro *"Em Pele e Osso"*. Nesse poema o poeta fabrica a pele do impossível aonde vai costurando a língua e a poesia e depois, ponto por ponto, a transforma em pele maior para ser engolido pelo mundo. Deixa o presente e o futuro na pele da liberdade. E diz que *"o poeta nasce para fabricar a pele"*.

Em Pele e Osso, a Carta ao Brasil mostra uma poesia que deixa o homem nu em sua polidez, na cama, nos escritos, no louvor e na luz: *"Perder a pele / para o poeta / é fado / o poeta anda sem pele"*.

Armindo Trevisan valoriza o neologismo sem medo de levar a ideia até o fim. É poeta do deslumbramento e da sabedoria da vida: *"desencaderna livros que deixa o presente / antes do futuro"*.

Seus poemas são impulsivos, eróticos e um dos principais elementos desse mundo poético é o corpo. Sua inventividade verbal é a maneira como o poeta vê o futuro ao qual aspira, sempre através da grandeza da sua poesia social. Segundo Maria T. L. Martinez, *"a poesia de Armindo Trevisan é um caminho de busca da palavra e da transcendência do ser, e, às vezes, um tom de exultante canto à existência"*. Dante Milano, conclui: *"Louvo em Trevisan a complexidade de seu pensamento-sentimento e a capacidade de se entregar a si mesmo sem lembrar ninguém... Poeta, para mim, é aquele que faz da sua Poesia a sua Verdade"*.

## ÁLVARO MUTIS: sua Poesia

A poesia de Álvaro Mutis acumula impressões plurais do mundo e as entrega, como evidências, porque essas sensações só podem ser sentidas por quem as vê... *“Sudário cotidiano do poeta, / cada poema esparge sobre o mundo / a amarga semente da agonia.”*

A realidade do mundo de Mutis é verbal, converte sua poesia em sintomas do tempo enquanto gesto, ao se abrigar na temporalidade. *“Só o tempo / cumpre sua tarefa / com suave / mudo roçar / sem pausa ou destino...”*

Ao percorrer seus poemas, o reflexo se sucede na arbitrariedade que apenas os sonhos possuem, por isso, os movimentos estéticos das palavras que a magia pode alcançar com seu grito – a poesia transcreve a realidade no fluir na memória. Nossa percepção do tempo é absorvida quando em contato com as palavras do poeta.

Segundo William Ospina, *“a linguagem e o mundo, são para o poeta iguais e o que o mundo lhe diz, desperta a sua memória.”* É importante a criatividade de Mutis pelo questionamento que une a arte literária com a realidade. Vejo a presença de traços literários inovadores; diria que contribui para modificar a comunicação entre os homens. Ele transforma a ideia e recria formas poéticas na possibilidade de uma arte no espaço mundial, sem perder a harmonia. Trata do significado a partir do momento que estabelece marcas significativas, por onde passa a sobrevivência da poesia, como incentivo para escrever e bem interpretar.

Álvaro Mutis em seus poemas reúne a essência com conteúdo e a boa performance registrada através dos seus olhos, ligada ao próprio destino. Exercita com habilidade a forma, como se inscreve: idealizador soma aquisições intelectuais, poéticas e vivenciais, mostra a poesia como ponto de confluência de espaços e temporalidades; portanto, cultura, “... *Nem mesmo a poesia / consegue resgatar / do minucioso olvido / o que cala este espelho / nas trevas do seu desamparo*”.

## AGOSTINHO BOTH: Para Onde Vão Nossas Casas

Com prazer e orgulho apresento o romance do mestre e amigo Agostinho Both, *Para Onde Vão Nossas Casas*.

Ainda em fevereiro, fui instada pelo amigo Gilberto Cunha a apresentar nomes de romancistas gaúchos que, disse ele, não incluísse o Érico Veríssimo, já tão conhecido e exaltado por todos; hoje, respondo com certeza que, em qualquer relação da espécie, há de constar o Agostinho.

Pois bem, todo mundo tem uma história para contar. E Max Martins escreveu que, “Tu me lês / tu me vês (talvez)”. Assim, vejo Agostinho Both em seu primeiro romance, publicado em 1990, *Para Onde Vão Nossas Casas*.

Interessante salientar que Mestre Agostinho não faz do título do livro uma interrogação. Ao contrário, *Para Onde Vão Nossas Casas* está de forma coerente com o romance que ele nos traz, desde muito antes de pensarmos em casas e lugares.

Encontro nele o prazer em escrever. É o que nos permite como leitores a identificar histórias que garantem a sobrevivência dos enredos no romance com registros preciosos da época, nos quais faz ilações interessantes e atrativas como: “*Estou aqui com uma mão na frente e outra atrás, sem saber qual delas eu tiro. Apenas uma ideia é que me dá um pouco de esperança.*” –ou– “*Quando minha consciência se abre para entender o que acontece, bem mais animada e certa se torna minha ação...*”

Ficção de primeira linha traduz o texto de tal forma que nos leva a acreditar estar o autor a imigrar, migrar, estabelecer-se, voltar a rumar, rearrumar sem nenhuma vez perder o rumo do que conta.

Personagens e paisagens ricamente descritas, verossímeis desde a apresentação até o final do livro. Nada se perde na estrada que nos impeça de acompanhá-lo em toda a trajetória; transforma seus leitores em personagens-sombra do enredo. Mais do que sentar e ler o livro, Agostinho nos permite entrar e partilhar, metaforicamente, de sua história ao refletir os problemas da época, idiosincrasias, anotações e situações envolvidas em questões particulares: a simplicidade, a vontade de vencer os desejos e a luta pela terra é reproduzida em detalhes na exposição de paisagens, com palavras criativas de serem lidas, como: *“... Albin está como pássaro com a asa quebrada. Em que galho ofendeu sua alma?” -ou- “As horas tristes não deixam de ter suavidade. A fatalidade faz a gente deixar as intenções pessoais de lado. A vela se apaga e a manhã inicia meu novo caminho”*.

Assim, tornamo-nos imigrantes vindos da longínqua Alemanha – Germânia, diziam alguns, na etimologia em que germano significa irmão - por razões diversas, em que se entrecruzava a pobreza lá vivida com o sonho de conquistar novas terras e delas retirar o sustento: enriquecer, enriquecer no proporcionar aos seus, mesmo que com muita luta e trabalho, futuro melhor e melhorado, muitas vezes, além da imaginação trazida nas viagens longas, destituídas de conforto e, até mesmo, básicas condições de saúde.

Agostinho não reduz o sofrimento dos seus personagens, mas, através da vivência dos mesmos (que nos permite partilhar), literariamente constrói suas vidas, vicissitudes, progressos, reduções, regressões, através de figuras substancialmente elencadas na condução do texto. Detalhes preciosos são colhidos em cada página. Entre textos e entrelinhas se contextualizam. No romance não há o supérfluo, nem a redundância; há personagens,

situações, paisagens, dor e alegria; entremeados com pitadas de ótimas histórias e causos, fazendo o texto fluir com naturalidade.

Sou suspeita para falar da grandeza do Autor, por ser fã incondicional da sua literatura, onde, mais do que usufruir de excelente leitura, aprendo em seus textos sobre a vida e suas circunstâncias; sobre a literatura e seus meandros; sobre a língua portuguesa e seu amor incondicional pelo semelhante.

O que tudo indica é que Agostinho, na tentativa de encontrar respostas e retratar o tempo, descreve novos ângulos de leitura sobre ideias necessárias para mostrar aquela realidade da feição colonizada do Brasil; conquistas como resultado do trabalho e da boa vontade do povo, nas fervorosas ideias do autor. Brilhante no que conta a seu modo a saga familiar, a passagem do tempo e o caráter do homem que lá se estabelece: a razão diante das questões do coração.

Agostinho não só nos traz os alemães em suas primeiras gerações no Novo Mundo, como nos coloca a par da grandeza – absurdamente solitária – do Rio Grande do Sul; mais, acompanha seus imigrantes quando da necessidade das migrações internas em busca de novas terras; leva-nos aos descampados e desconhecidos rincões de outras terras plagas brasileiras, aquelas até então também plenas de isolamento e saudades. Famílias inteiras se desfazem nessas viagens sem volta, em que muitos não se reencontrarão, nem se (re)conhecerão no futuro e, das quais, certamente, poucos voltaram a se estabelecer em terras gaúchas.

Cada migrante e sua família levam as tradições gauchescas nas roupas, no mate amargo, nas canções, na cultura, no pensamento e no sotaque inconfundível. Anos e anos passados longe dos rincões não tiram dos gaúchos – aqui, seus personagens – a imagem e o querer pela nossa terra.

De cada terra conquistada, comprada, arada e trabalhada, Mestre Agostinho retira o sustento e a vontade de ir além, sempre e sempre em busca do desafio que, na sua prosa, se traduz como nova chegada e novo ponto de partida, assim: *“Leu que só Érico Veríssimo e Guimarães Rosa... Entendeu o quanto ainda era pequena sua conversa e o pouco tamanho que tinha sua alma”* - ou – *“Tenho dó de mim quando jovem e também dos jovens que passam por mim. Devoram a vida sem poesia”*.

Seus personagens, ricamente detalhados, refletem o universo brasileiro, englobando o peão do campo, o proprietário, a sociedade e o político; o sistema que os cerca em cada lugar aonde vão com suas casas, pois, eles – personagens – são suas casas imóveis, construídas, e, ao mesmo tempo, aquelas que os acompanham em suas andanças. A história e a alegoria. A casa como construção material e a idealização da mesma enquanto viajantes.

Com propriedade literária, Agostinho nos permite participar da construção de sua saga. Sem esquecer as presenças religiosas, familiares, negociais e românticas: afinal, de que vale a todos a busca de novas moradas se não se fazem acompanhar de suas atávicas e genéticas origens?

O contexto da obra é de inquestionável valor e o autor não se limita pela verdade *“empírica”* dos fatos. A história urge trazendo lembranças à luz do dia (de hoje), expressando não só o amor, mas a verdade como busca e permanência na imigração, resposta no que por si só se impõe: *Para Onde Vão Nossas Casas*.

## ADRIANO NUNES: Descubra a Poesia no Dia a Dia

*“O VersO O /retém / DISPersO / POR DENTRO. / não vê?”*

A literatura e a arte nos fazem acreditar e nos ensinam a viver neste mundo cada vez mais acelerado, materialista e individualista. A poesia como expressão literária é força libertadora, e sabemos perfeitamente quando estamos diante dela.

Conhecer Adriano Nunes na arte de escrever é colocar ritmo em nosso dia a dia; ter atitude inspirada na arte ao abrir espaços no cotidiano, para brilhar como leitor. Isso mostra as mudanças que vêm com a poesia, porque muitas decisões são tomadas através da presença com que ela atua direta ou indiretamente em nossas vidas. Segundo Adriano, *“... Porque, ó poesia, nítida / Miragem, grã estampido, / A teus pés tenho caído?”*

Para Nunes, a poesia vai além das letras, porque ele dá forma ao pensamento que se encadeia, *“Um poeta não se faz só / De palavras e pensamentos / Nem do que tanto pulsa adentro. / Um poeta não se faz só...”*

Adriano é dotado da capacidade de evadir-se ao mostrar, nos poemas, conhecimento e, ainda, acrescentar ao ser a ideia de que a linguagem está ligada a algo que causa a sensação de lapidação da palavra. Consequente, sua obra passa a fazer parte do nosso dia a dia. Nas suas palavras, *“Que mais dizer agora, / ante o sonho que aflora, / dia a dia, mas sem / poder doá-lo a alguém? //... Como pensar o mundo, / descravar-lhe a lança? / E que ilusão é essa / que a mente não alcança?”*

Mais que isto, o poeta retrata com motivação e, certamente, alcança êxito com a força de nova visão, como revelação destinada a nos proporcionar interações diferenciadas com o seu processo de criação. Segundo ele, *“... O sorriso-sol de alguém vindo / Sondar-me, - Meu bem? – Ou me iludo? - / Os sonhos todos e o mais lindo / De um amor: Entender que é tudo. //... mas quem vem, ao longe, que fito / com o coração pleno e puro, / Enquanto desafio o infinito?”*

Descobrir a poesia de Adriano Nunes no dia a dia é vencer e gostar dos desafios, como característica do leitor. Mas, a obra do poeta é de inquestionável qualidade, na conquista das palavras, como retrata, *“... Lança-te ao íntimo. / Não sejas tolo / Um poema é / o que tem / Valor / Infinito.”*

## **AMILTON CARVALHO: Maneiras de Ser**

*Do barro / esculpiu / o homem”.*  
(Benedito Cesar Silva)

O tempo mostra quem somos; maneiras de ser na releitura do passado e do presente, onde encontramos licença para brindar a nossa amizade de toda a vida: Amilton, Pedro e eu. Aqui, lembro Mia Couto, para quem a *“História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens...”*

Vivemos numa sociedade onde o amigo Amilton tem suas habilidades valorizadas e enorme capacidade de conciliação. Então, surge a necessidade de falar dos traços típicos de seu comportamento, como prova para despertar os meandros da amizade que nos une.

Cada vez mais assumo como verdade e ideia de que, Amilton, Pedro e eu, constituímos uma família com relacionamento fraterno por nos permitirmos interferências em todos os momentos de nossas vidas. Juntos, convivemos no sentir em cada situação o amor e o companheirismo, sempre fiéis, por mais de 45 anos.

Olhar à frente é essencial, por isso a presença do amigo justifica passar à ação; tudo em nossa volta é percebido como informação para ser processada e conversada entre imagens e símbolos: ajuda e carinho. Daí a importância em revelar o Amilton em sua maneira de ser: homem sempre em busca das comportas do saber, independente do querer e poder; navega o real e o conhecimento; encara as crises e perdas; permanece na lucidez

das palavras; é ponte entre a arte de escrever e a arte de viver; ama e é amado; procura no destino o sentir da cumplicidade; inova cores num mundo cinza; acredita na verdade como mudança; tem suas lembranças no caminho claro e escuro, como escrito por Paul Auster, em *Homem no Escuro* e, Pedro Du Bois, nos poemas de *O Homem em Curva*, ao refletir sobre a conscientização do homem em sua (in)significância decorrente da massificação.

Em todas as situações há a palavra que designa a precisão do Amilton, porque ele crê na certeza e nas probabilidades do valor demarcado entre o sentimento e o pensamento, marcando o passado e apostando no futuro. Ele reflete a luz entre as palavras e ilumina o desconhecido e o inesperado, rompendo a norma convencional e, nela, a representação como direito para exprimir o valor das palavras, como no livro de W. J. Solha, *Esse é o Homem*, poema longo que descreve de forma crítica os caminhos da humanidade.

Este é o Amiltinho, nosso *Dindo* de casamento, nos já 40 e poucos anos de união com meu amado Pedro. Meu irmão do coração, Amilton.

Juntos, adotamos atitudes de respeito e carinho em nossa relação, com superposição das questões relevantes de nossas vidas (nossos filhos Marina; Gabriela, Diego e Salo; agora, Mari e Inês; Paulo Cristovão, Júlia e Luísa), pessoas essenciais para nos capacitar a encontrar formas saudáveis na manutenção da nossa amizade. Thiago de Mello completa, *“Fica decretado que o homem / não precisará nunca mais / duvidar do homem. / Que o homem confiará no homem / como a palmeira confia no vento, / como o vento confia no ar, / como o ar confia no campo azul do céu...”*

Todas as vezes que nos encontramos há empática alegria e carinho a nos fazer melhores e menos envelhecidos, pois, a nossa cumplicidade parte do sentimento, em que nossa comunicação dispensa regras e exceções, revelador dos momentos em que aprendemos a conviver com as expectativas e a nos defender e a nos proteger mutuamente dos problemas. Dividimos e reforçamos a ideia de que a vida são bons e maus momentos; ainda, adotamo-nos em atitudes críticas na aceitação de que uma dose de dor e dificuldade é (infelizmente) necessária no processo de amadurecimento, para, juntos, podermos *pensar grande*. Entregamos-nos, acolhidos pelo olhar, voz, pensamento e coração ao abirmos *espaço* para a conexão fortalecedora da cumplicidade em nossas maneiras de ser; damo-nos na real importância do nosso relacionamento, com a atenção devida pelas vontades; assim, acreditamos em nossa fraterna amizade, forte e sincera em sua perenidade.

Amilton me traz a lembrança do tempo, os sons do mundo em ritmo de alegria. Representação do que realiza entre o eco das palavras e os sentidos da compreensão. Nosso querido amigo do *peito*; juntos, abraçamos a vida, as palavras e a música, como em Milton Nascimento, *“amigo é para se guardar do lado esquerdo do peito”*. Ele é donatário que se apodera da alma na fascinação com que o universo nos busca e transcende: homem em sua maneira de ser. Como em Vivi Maciel, *“Quem somos nós? / Os homens da palavra?/ Sim, somos homens que, falam e lutam, / Por justiça, igualdade e direitos... / Sim, somos responsáveis por tudo...”*

Amilton, *Cobrinha*, Amiltinho, tio Amilton, *Cara de boi*, Irmão... Beijos da *tia Tânia*.

## **BENEDITO CESAR SILVA: Momento de Reencontrar**

*“Acordei com uma imensa vontade de chorar. / Do tempo que juntos vivemos, / Restam apenas memórias que insistem em retornar...”*

O livro Gavetas Abertas em Cômodos Distintos é o momento de reencontro de Benedito César Silva com a sua memória. Ele abre as gavetas para reviver a poesia e transformar o cotidiano. Em seu momento de reencontro expõe suas poesias com emoção, revelando as suas lembranças, *“Limpar as gavetas / É despir-se da roupa velha. / A sua foto com carinho protegido / guardada entre tantas outras coisas sem sentido...”*

Uma sensação nos acomete quando visitamos os cômodos do Autor e encontramos as poesias como possibilidade de ir e vir, de reencontrar o que é importante: a busca pela literatura. Por essa razão é mais fácil despertar e representar nossos reais desejos: reviver não é proibido e a imaginação não tem limites nas lembranças. É como voltar o olhar e encontrar as poesias que ativam os mecanismos de conquista, desfrutar a maravilhosa sensação de refletir a cor das palavras, que nos faz viver para que os sonhos em comum possam se tornar realidade, sem perder cada detalhe de significação existente do livro.

*“Realizar sonhos / É colocar-se no mundo das possibilidades. / É não esquecer aqueles que insistem em / Ficar pelos caminhos. / É crer sobretudo, que há verdade. / É acreditar sempre na voz que diz, / Insistentemente: / Há esperanças reais...”*

Benedito escreve misturando cores e ideias, com potencial que nos inspira a amparar as mudanças, transformando os cômodos em lugares para ser compartilhados, porque nas (suas) gavetas abertas os poemas afloram sentimentos.

O que me encanta nesse livro é o prazer em rever as suas lembranças ao retirar das gavetas os seus sonhos. Mais que isso, seus poemas se mostram a todos no intuito de colher o sonho presente nas palavras.

É livro pensado em cada detalhe com esmero e qualidade, na certeza de que o leitor deixará se envolver, pois, a obra é desafiadora porque a memória é o cenário para sua arte, *“A chuva caindo / A alma lavada / o sorriso da criança / O pão doce com groselha / os amigos da escola / Lembranças da infância...”*

Gavetas Abertas em Cômodos Distintos é cenário que proporciona ao leitor a acessibilidade para remexer nas gavetas do Autor e desvelar sua poesia, pois sabe como provocar o leitor e manter a sua concentração no livro, *“Não quero fazer de meus versos / Armas para a batalha. / Mas, sobretudo, hei de fazê-los / como brinde à vida. / Que em contrapartida, / Será lindamente colorida”*.

## **BORBOLETA: Prazo de Validade, um Último Trago**

O amor, as lembranças, os vícios e os amigos também têm prazo de validade?

A lembrança é a memória, a constatação de um só estado... Que tem por instrumentos os vícios e os mitos. A memória é emotiva; como no conto *“Um último trago”*, de Borboleta. Ele mostra que o que fica na memória é a lembrança do que interessa, o que tem valor para a sua vida, de alguma forma. E também o compromisso para com o amor e o tempo.

*“A presença da marca do tempo no maço ainda aberto, dos resquíços esmaecidos de seus lábios no filtro sobre o cinzeiro e de sua imagem sorridente na moldura”.*

Todo dia é dia de encarar e vencer novos desafios. E parar de fumar, driblar as saudades e não beber são as novas marcas do tempo: *“... pude ver a poeira do tempo depositada sobre a minha pele...”* Mas o que o conto nos mostra é o desejo cristalizado, a vontade alimentada pelas recordações que se entregam de corpo e alma e se convertem em instrumentos de dependência, como: *“... coçam-me os dedos e salivam-me na boca os resquíços de um amor alimentado à nicotina”.*

Sim, porque quem vê o símbolo do cigarro no fundo da consciência e do coração, pode pensar que o tempo somente se localiza através do amor, colocando-o como espécie de tatuagem – prova da sua fidelidade que chega a parar o tempo.

Claro que a memória d’*Um último trago* parece estar prestes a desmoronar, não é reconfortante, mas ajuda a dar a

dimensão do seu amor e delimitar o tempo. Despretensiosamente, a fumaça torna-se símbolo, criando possibilidades de um reencontro: dos sentimentos que ainda purgam nas veias, como imagens que mostram os principais lances da vida.

Ele vive na expectativa de reencontrar o seu amor através do cigarro e da bebida. Sua história, seus momentos, suas palavras e seus gestos demonstram que em cada situação há um prazo de validade; compartilha da falta de responsabilidade e de violência para consigo mesmo.

Isso não significa que tenha perdido o ímpeto pela vitória de se manter vivo, mas, alheio ao tempo, ele exige de si sobre o seu amor, fazendo das lembranças a sua espera, exagerando por querer vencer a qualquer custo a saudade; *“... sustento a impressão de que apagamos nosso último cigarro com a mesma desenvoltura de juventude com que acendemos o primeiro”*.

Essa percepção é alimentada pelo vício que não é bem vindo, para que se possa perceber a hora de colocar em seu destino a marca consolidada pelo tempo, que se torna mais forte ao fazer diferença no seu viver, procurando apenas os “flashes” da memória, como voo sem limitação, que desperta o sentimento para brincar entre lembranças, acumulando emoções sem prazo de validade.

## CARLOS JORGE: Descoberta Fantástica

Um livro é perfeito para se aproximar da arte da conquista: criança e leitura. A linha é a representação do que se quer destacar. Uma linha leva a outra, como simbolismo gráfico. A linha nos representa através de algo inventado que sobreviveu ao autor.

Carlos Jorge, escritor belo-horizontino, que quando menino queria ser inventor, resolveu aprender a ler – *“foi uma descoberta fantástica”*–; o resultado lhe deu a possibilidade de escrever, escrever, escrever... Logo, voltou à ideia de ser inventor, de unir todas as palavras conhecidas e inventar histórias. Realizou o seu sonho, inventou *A Linha Assanhada*, que traduziu em livro infantil.

*“Era uma linha assanhada / Era tudo e quase nada.//... Era torta /  
Reta, curva / Semi-reta //... Inventava e /  
Desinventava formas...”*

Trabalhar em conjunto as linhas da arte de escrever com as linhas do desenho leva ao propósito principal, contribuir com as linhas no vazio, assim, oferecer a possibilidade da linha ter significados representativos de levar à reflexão: *A Linha Assanhada*.

As crianças são repletas de curiosidades e a leitura é uma maneira fantástica de explorar este mundo desconhecido e maravilhoso. A partir das observações pela leitura, ela vai criando mentalmente os seus personagens e o cenário onde se passa a história; aprende a lidar com a realidade de maneira lúdica, e encara a vida e a morte repassando a sua visão, desenvolvendo sua própria fantasia.

Fantasia é coisa séria, deve ser cultivada na vida das crianças, porque as leva a vivenciar emoções e circunstâncias que na vida real não viveria. A arte de ler faz com que a criança transfira esse exercício para a realidade, ela junta fatos e acontecimentos.

Ler é conquistar a liberdade, isto é, belas páginas permitem ao pensamento os mais largos voos em direção à verdadeira liberdade. Leitura e liberdade são caminhos entrelaçados, onde o pequeno leitor conquista o novo; busca inspirações e inovações para misturar coisas e palavras, fundir palavras e imagens, como Carlos Jorge na sua história, *“Era uma linha assanhada / Era tudo e quase nada. //... Outro dia foi montanha / Se desmanchou virou céu / Se cansou e virou mar / Se aborreceu e virou sol...”*

A arte de ler envolve muitas descobertas e muitas transformações no desempenho intelectual da criança. Levando-a alcançar segredos e verdades, facilitando a expressão: é uma descoberta fantástica!

*“Era uma linha assanhada / Era tudo e quase nada. //... Reta, curva, torta e quase certa / Certo dia, imitou o homem / Não gostou / Virou bicho / Enrolou e se enroscou //... Virou ponto e sossegou”.*

## CARLOS PESSOA ROSA: em Palavras

De fato, as palavras se apresentam mais íntimas do que parecem, quando as leio. Fernando Pessoa disse: *“De nada serve o simples ritmo das palavras se não contém ideias”*.

Acredito que ler Carlos Pessoa Rosa é sair da rotina; como olhar o mar e o amor dentro dos seus significados. Ele, com a sua poesia, revela palavras com estímulo e força, que resistem à linha do tempo e às privações pelas quais a literatura passa, como em, *“Composição // na vergadura do poema / o lastro // na textura do lastro / o poema // no poema vergadura e textura / se alastram”*.

Tantas são as palavras de acúmulo de sentimentos que dão razão ao autor para, livremente e sem medo, transformá-las em asas: *“o prático / vê no voo da borboleta / uma borboleta em voo // o filósofo / vê no voo da borboleta / a razão do Ser // o cientista / vê no voo da borboleta / as matizes matemáticas do voo // o poeta / vê no voo da borboleta / a possibilidade de dar asas ao poema”*.

Palavras são símbolos que traçam a face oculta de quem escreve; nela, o escritor Pessoa Rosa convive em harmonia e tem a capacidade de valorizá-la no senti-la e, talvez, na ilusão de não resistir; sua criação cede aos impulsos, satisfazendo a inquietação, como em *“grito”, “caminho nos campos de Van Gogh / assentome nos sonhos de Kurosawa / aceito as incertezas, dúvidas e medos / grito ao mundo a arte do poema / e o retorno é um sussurro da morte”*.

Então, percebo que na sua prosa e poesia há palavras de vários significados, tratadas pelo escritor de forma diferente, peculiar, em guardar a legitimidade, que confere a mais

emocionante conquista da inspiração, em ideias carregadas de vida, com talento especial para segurar o leitor, *“palavras / sobrevivem em bando / trilham / caminhos de terra estranha / e vermelha / à procura da fonte criadora //: encontram / poemas secos & poetas inférteis / porque assim são os dias”*.

Digo que a escrita de Carlos Pessoa são palavras que nascem à sombra das árvores e, sem ressecar, quando “maduras” absorvem seus ritmos. Ganham voz ao determinar sua característica no representar mudanças e transformações como as que sonho ao lê-las com luzes que nelas encontro, sendo a principal preocupação do autor atingir os sentimentos e a reflexão do leitor, *“farfalham / palavras nos varais / experimento / um frescor frio nos lábios / o vento agita poemas em meus dentes”*.

Suas palavras dão volta ao mundo da literatura; revelam a mão do escritor e o movimento das palavras com cores e detalhes, dando significado à poesia, *“vergado o poema / restam palavras caídas / na calçada // vergado o poema / resta sua sombra / na calçada / sem vento / o silêncio devolve ao poeta o deserto / das ruas”*.

Encontro em Carlos Pessoa Rosa o valor absoluto e profundo que repousa na raiz da cultura e eleva meus dias. Ao me enredar em sua prosa e poesia, passo por mudanças na vida, em nuances, na direção sensorial e cativante que reflete o escritor: *“dizer / que minha cabeça está vazia de ideias / é perceber / que esse vazio é uma baita negação de valor // dizer / que o poema poetiza o vazio / é concluir que o vazio existe e não existe / é um modo poético / de poetizar a não-presença”*.

## CARLOS HIGGIE: o Importante é Ser Perguntável

No livro sobre sexo e sexualidade o escritor Carlos Higgie romanceia um *Nebuloso Losango*, onde descreve a trama de quatro amigos, para quem apenas o amor não basta; e que para fazer sexo e sentir a sexualidade é preciso, sem medo, encarar os sentimentos fortes, *“O losango ou o quadrado que nos unia e separava parecia instável. Algo ou alguém estava desequilibrando, quebrando a ordem natural das coisas. Dóris era a rainha, sedutora, Marcelo seu adorador incondicional, Domingos seu admirador eventual e Ivone, quase sempre, uma simples coadjuvante naquela história.”*

Fantasias eróticas fazem parte da vida sexual e quando o casal as compartilha, torna o sexo mais satisfatório. Muitas vezes, tudo o que é idealizado seduz mais. E ao ler *Losango* encontramos as fantasias eróticas dos personagens e as suas experiências à procura de justificativa para seus atos, *“O que ele não sabe é que agora, neste preciso instante, estou pronta para ele, disposta a entregar-me de corpo e alma, disposta a realizar suas fantasias mais loucas, disposta a ser uma mulher entre todas as outras.”*

A sexualidade é desejo de dar e receber palavras, olhares, risos, carícias e atenção. As atitudes, as crenças e os conhecimentos sobre a sexualidade são transmitidos, por vezes, como algo indecente, pecaminoso e perigoso. Mas, esse romance de Carlos nos mostra a importância do desenvolvimento dos personagens, que com o tempo varia de uma sociedade para outra. Isto é, a sexualidade é natural, porque necessária a todos, e cultural quando acreditamos sobre o que nos foi ensinado. Tudo é possível numa relação em que pessoas se sentem atraídas e se

envolvem calorosamente em múltiplas práticas sexuais, *“Usam umas blusinhas soltas, bonitas, sensuais, que mal cobrem os seios. São só uns tecidos leves, fáceis de levantar e descobrir as colinas deliciosas, macias, duras, sem sutiã, sem proteção, esperando as mãos libidinosas que chegam ávidas de sensações”*.

Na realidade tudo é digno de respeito, exceto quando causa sensação desagradável de dor e angústia...

*“Ela tentou reclamar, mas ele sorria e dizia que estava tudo bem, que só queria beijá-la sem olhares curiosos ou acusadores, que só queria abraçá-la um pouco, sentir seu corpo maravilhoso, sua pele macia e doce...”*

Percebemos no romance que o que é considerado “normal” muda com o tempo, de acordo com a moral vigente e varia em diferentes culturas, onde os encontros são a razão para os sentimentos, assumindo o controle do corpo e decidindo sua própria condição, *“Com certeza Raquel entrava no quarto sorrindo... Deixava cair os livros no chão, fechava a porta e se encostava sensual, nela. Lorenzo, os olhos prenhes de desejo caminhava até ela. Trazia nos lábios, nas mãos, todo o desejo do mundo...”*

*Nebuloso Losango* é literatura que tem como meta fazer com que os leitores se defrontem com uma análise dos aspectos moral e sócio-psicológico da sexualidade. Proporciona reflexão sobre o respeito, amor e como se dá a atração e a união sexual. Quando falamos em relações amorosas e sexuais, sobre a sexualidade, o importante é sermos perguntáveis, ou seja, podermos explicitar nossas vontades e desejos, em relação a nós mesmos e aos parceiros.

## CHARLES DICKENS

O escritor Charles Dickens, na época em que só se falava em desenvolvimento e prosperidade, preocupou-se com a injustiça social, a fome e o crime. Publicou sua primeira obra, *Oliver Twist*, em 1838. Narrativa crítica sobre a sociedade inglesa, em que descreve o abandono, a desigualdade e a exploração do trabalho infantil. Machado de Assis começou a tradução desse livro, trabalho finalizado por Ricardo Lísias, em 1970. Ítalo Marcon retrata, “... Não apresento feitos, / nem tenho sangue nobre, / nada de bens de raiz, / de ouro e prata / em meu alforje, apenas alimento a sorte / de tentar ser feliz / entre os homens”.

Essa obra clássica não pode ser mais atual, pois, nela podemos ver o século XXI, em 2018, no Brasil; de forma significativa na construção do tempo e do não caminho para o equilíbrio das classes sociais. Nas palavras de Frei Betto, “... a potência em destruir não é a mesma em criar. O mundo que emerge neste século... é um mundo aparentemente perverso e sem sentido” e, para Itálico Marcon, “... conheço vossa corja, / a vossa história, / e não me orgulho...”.

É surpreendente a semelhança entre o passado lá retratado com o nosso presente. Parece que o tempo se estagnou na vida ao nosso lado, que as pessoas não fazem questão de olhar, como Dickens fez.

Questiono se seria sonho todos terem direitos iguais, no rever e revelar as necessidades das classes, nas reflexões sobre a memória e os interesses. Segundo Frei Betto, “... estamos virando seres cada vez mais privatizados, somos cada vez menos solidários, menos interessados nas causas coletivas...”.

A vida é preenchida por nós, servindo como lembrança e manifestação de boa vontade, e ser maneira de expressar nossas intenções. Jurandir Freire Costa reflete, “... *O caminho é longo e penoso. Mas navegar é preciso, e sem uma bússola na mão e um sonho na cabeça, nada temos, salvo a rotina...*”.

A mudança nos faz pensar sobre a realização pessoal e o bem estar comum; vivo fosse, Charles Dickens teria o mesmo raciocínio. Assim, podemos buscar a tranquilidade no dia a dia, isto é, para aqueles em que há a agudeza de espírito, como senso de busca pela vida equilibrada e feliz. Frei Beto ressalta, “... *o que me preocupa é que esta globalização é a imposição de um modelo cultural único, de único tipo, como único paradigma de comportamento...*”.

## CHICO BUARQUE: Roda Viva

*“A existência maior símbolo” (Fernando Pessoa)*

O que é roda viva? Roda viva significa, de acordo com o dicionário, movimento incessante. Parece mágica. Concordo que não exista fórmula para se viver na roda viva, porque ela impede que comandemos o nosso coração e escolhamos qual caminho seguir para transformar o tempo.

A roda viva nos coloca sujeito ao seu tempo de desbravar o mundo em fragmentos do sentimento e na história como esforço humano. Chico Buarque, na composição *Roda Viva*, de 1967, expressa a ação no desejo de ser personagem da própria história; querer ter “voz ativa”, como demonstra, *“Tem dias que a gente se sente / Como quem partiu ou morreu / A gente estancou de repente / Ou foi o mundo então que cresceu / A gente quer ter voz ativa / No nosso destino mandar / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega o destino prá lá...”*.

Em sua forma mais dinâmica ela seria a descrição sob o ponto de vista político, social e cultural. Para isso, busca fazer com que tudo se transforme em criatividade ou se transporte para a criatividade e, ainda assim, a roda viva nos impõe o navegar e ser parte de um mundo sem liberdade e sem independência; apenas com a vontade de conhecer a expressão como desejo de conquista; como Chico resgata, *“... Roda mundo, roda-gigante / Rodamoinho, roda pião / O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração // O samba, a viola, a roseira / Um dia a fogueira queimou / Foi tudo ilusão passageira / Que a brisa primeira levou / No peito a saudade cativa / Faz força pro tempo*

*parar / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega a saudade prá lá...”.*

Entretanto, a obra se destaca como referência da vida em seguir adaptada e atual aos dias de hoje, num mundo cada vez mais rápido e instantâneo em que tentamos viver a realidade que o relógio manda. Para Mia Couto, *“Não é voarmos sobre os lugares que marca a memória. É o quanto esses lugares continuarão voando dentro de nós”.*

A roda viva não nos motiva a sonhar na companhia de um livro, nem a olhar a história para rever os pensamentos, atitudes e desejos; assim, impede que criemos parceria com a literatura, a cultura e o tempo. Chico Buarque cria a analogia na letra que vai ao encontro da vida, *“... Roda mundo, roda-gigante / Rodamoinho, roda pão / O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração // A gente vai contra a corrente / Até não poder resistir / Na volta do barco é que sente / O quanto deixou de cumprir / Faz tempo que a gente cultiva / A mais linda roseira que há / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega a roseira prá lá...”.*

Temos bagagem quando resgatamos a cultura, mas, ao mesmo tempo, temos quebrado o dia com a intervenção da roda viva, por não investir em nós mesmos; ela se apresenta em tons de contraste, sombra e luz, onde o poder domina e não temos a oportunidade de destacar a nossa marca no tempo, nem ocupar nosso lugar de referência na motivação, nem de exercer nossa crítica em tempo de mudanças, nem realizar os objetivos na clareza dos atos. Assim, retornamos e ao mesmo tempo percebemos a vida como ela não é; fosse apenas a saga de sorrisos. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“... A lucidez contém luzes enfeitadas de verdades. / A lucidez é o meu cansaço”.*

## **CLAUDER ARCANJO: Licânia**

LICÂNIA é a reinvenção da cidade natal do escritor Clauder Arcanjo, e fonte de inspiração para os contos registrados no seu livro de mesmo nome. Ele cria e recria a linguagem em seus contos, com novos modelos de sensibilidade.

Apresento LICÂNIA com os inesperados sentidos que vão sendo revelados, seja pela emocionante dimensão dos fatos, ou pela minha percepção na busca da fantasia, guiados pelo intelecto em um jogo relacionado aos sentimentos e as experiências vividas.

Nos contos encontro A CASA aonde Abelardo chegou, descendo do velho ônibus; na RUA de casas diferentes; local do colégio BONÉ AZUL de janelas abertas, onde a IDENTIDADE foi revelada; um vento teimoso me leva até o CEMITÉRIO; em olhar de DESPEDIDA, encontro a MENINA DE RUA que sonha uma refeição. Em tarde de ventos o mar arrasta o CAVALEIRO DO MAR, carregando O PÓ DE CHINELO.

O SINEIRO marca o som da dor da morte e me traz de volta com A MALA, junto aos quatro ventos, onde deixaram AS SANDÁLIAS DA HUMILDADE e uma MOEDA AO CHÃO, esquecida.

O vento forte chega a'O CURRAL DAS ÉGUAS; lembra O GRITO; cheira à CARNIÇA; mostra O RISO DO CÃO; porque SAMIRA tem medo das lembranças e da solidão.

ZECA E OS POMBOS desejam amar e DONA TARCISA, inconformada com o seu nome, não viu aparecer o PERNETA, deixando o SONHO DO ALMIRANTE em eco de saudação: JESUÍNO só desejava prestar contas a Deus e, no domingo, havia NEGÓCIOS DE FEIRA marcando o ponto de encontro em LICÂNIA.

LICÂNIA, entre seus contos, puxa pelos condutores da memória. É prazeroso. Os contos de Arcanjo transmitem verdadeiro aprendizado narrativo de significações simbólicas, no qual cada palavra é explorada e valorizada e a verbalização, encantadora, leva-me ao deslumbramento.

## FRANCISCO ALVIM: “Qual o Real da Poesia?”

Há uma pergunta fundamental para compreender as poesias do escritor mineiro Francisco Alvim, chamado por Cacaso “*o poeta da fala coletiva*”, porque criou um estilo pessoal, a partir da fala coletiva brasileira, “*Sol / Esta água é um deserto / O mundo, uma fantasia / O mar, de olhos abertos / engolindo-se azul // Qual o real da poesia?*”

O poeta cria poesia onde o real fica cada vez mais incerto, definindo assim a sua sensibilidade poética, e desta forma, o seu caminho literário. Na visão de Miguel Sanches Neto, “*Francisco Alvim é órfão do real*”, sendo considerado o poeta da distância no tempo e no espaço. “*... corredores do tempo / paredes além da história / súbito o mundo / perde o enredo.*”

Alvim é levado pelo sentimento drummondiano de amar o perdido, isto é, a vida acontece à revelia do poeta, “*Dois cegos viajam no ônibus / A gente das ruas move-se contra um imutável muro cinza / Súbito / o eclipse iguala todas as faces / Órbitas vazadas / Cegos*”.

Ele é mestre da poesia moderna, com crítica e cunho social. Também, nele encontro uma visão irônica e impessoal, em muitos textos, funcionando como condição estrangeira no território político, “*Se o seu país é assim- / tão bom- / por que não volta?*”

Além de ser literatura de figuração, ele também tematiza a solidão em sua lírica, nos dá a sensação de que o teor dos poemas apresentados acontece o tempo todo ao nosso redor, “*O dia profundo / me mostra seu fundo: / olhar o amor / ferindo a paisagem / branca da montanha. / Voam as horas / na pele da*

*alma / posta ao relento / do cego sentimento. // Sonho o esquecimento?"*

Francisco Alvim apresenta uma obra envolvente, gratificante ao desvendar as verdades ocultas e, ao mesmo tempo, descubro na sua poesia o mundo que realmente nos cerca, deixando no ar, implicitamente, a pergunta para o leitor: *"Qual o real da Poesia?"*

## GILBERTO CUNHA: Polêmica, as Mudanças

Passamos muitas horas nos preocupando com o tempo, com o clima que encontraremos amanhã: calor demais ou chuvas? E, em proporções incontroláveis, em que poderá atrapalhar o nosso cotidiano as mudanças climáticas? Quem não procura saber como estará o tempo no próximo dia, para se organizar? Faça chuva ou faça sol, a vida continua... Não é bem assim, que a mudança no clima pode atrapalhar o nosso humor e os nossos planos.

As mudanças nos impulsionam quando apostamos no nosso interesse intelectual; por exemplo, ler o livro *Meteorologia: fatos & mitos 3*, escrito por Gilberto Cunha. A obra mostra medidas arrojadas necessárias para frear as mudanças climáticas; receoso para com o futuro tenta com boa vontade, competência e austeridade racional legitimar tais mudanças, que se alastram, dia após dia, demonstrando que “o tempo é de fato o que ocorre”.

No livro encontramos artigos enriquecedores na área de ciências, porque apresentados na fronteira do conhecimento: fatos *versus* mitos; informação empírica *versus* informação científica que, com efeito, levam-nos a relativizar as nossas “verdades”, na medida em que nos ajudam a entender o fenômeno da vida por outros ângulos, na benevolência da natureza, além da conta, de que podemos chegar ao próximo dia sem sermos sufocados pela ameaça de temperaturas elevadas e fora de época.

O autor nos coloca diante de algo novo como literatura ao nos facilitar a compreensão, através da coerência, de que podem acontecer mudanças em nós ao adquirirmos conhecimento e

informação sobre meteorologia e, ao mesmo tempo, que devemos nos conscientizar ao integrarmos tais informações na nossa vivência; como expressa, “... *diante das evidências temos que começar imediatamente antes que seja tarde demais, a construir a nossa capacidade de lidar com as mudanças climáticas globais e sua variabilidade associada...*”.

De uma maneira ou de outra, a polêmica das mudanças nos atrai pelo desconhecimento, gerando dúvidas, questionamentos, dividindo opiniões e provocando emoções. Desafios que temos de enfrentar ao nos dispormos as mudanças ao assumirmos o novo com as inseguranças trazidas por ele, sem amedrontamento, que o medo também é parte do desconhecido.

Nas palavras de Cunha, “... *Interpretações as mais variadas possíveis, mas pelo menos uma fica evidente: que temos que acreditar naquilo que fazemos, pois na vida, depois das coisas feitas, não há possibilidade de repetição*”. Digo mais, nem de nos arrependermos pelo não feito. Jogo que marca o significado do encontro na hora de olhar para a realidade na polêmica das mudanças, retratada no artigo *Dedique Um Tempo Para Sentir O Perfume Das Rosas*, “... *ando gastando tempo demais olhando para o futuro e acabo esquecendo de pensar / viver o presente*”.

O importante é incorporarmos as mudanças como informação significativa para mantermos o interesse pelo fascínio da vida, sem desviarmos o olhar do tempo, vez que os acontecimentos se apresentam naturalmente e fazem com que o nosso destino seja diferente e a praia tenha de ser adiada, que só o tempo consegue deixar a sua marca em nossas vidas.

## **GILBERTO de OLIVEIRA BORGES (GIGI): Ecos do Passado**

Você já se deu conta de quanto o passado é importante e que sem ele não haverá futuro? As lembranças dos momentos, os livros, filmes e canções, as ruas, as obras de arte e as viagens, entre tantos, representam a força da história do ser humano e do seu pensamento.

Relembrar não é pecado, nem proibido, ao contrário, é prazeroso. Talvez, a liberdade total, embora difícil para algumas pessoas que, ao lembrarem o passado, enxergam nas mudanças presentes algo negativo para o futuro. Como demonstrado no livro *“15 Dias Que Abalam Passo Fundo”*, do jornalista e escritor Ivaldino Tasca, *“... Os acontecimentos locais foram expressão de uma comunidade que tinha exata consciência da gravidade da crise que atingiu a Nação e a consciência clara da postura que os fatos exigiam”*.

A curiosidade pelo eco do passado é o que me leva a envolver com a vida atual. Repito, sem passado não há presente, nem futuro. Sem lembranças não há história a ser contada, nem som que possa ecoar.

Com carinho, cito passagem sobre a história de Passo Fundo, no poema de Pedro Du Bois, que traz a imagem da nevasca no ano de 1965 que, com saudades poetiza, *“Agosto de 1965 / Lembro tudo / o que aconteceu naquele dia; /... Lembro-me da neve caindo forte / branqueando ruas, carros, os bancos da praça. // O frio intenso. // Lembro-me da suspensão das aulas / das atividades diárias. //... Bonecos, / guerra de bolas, / bola rolando rua abaixo, / chuva congelando a neve. / O frio congelando todos*

*nós". O texto ecoa o passado traduzido no sentimento de lembrança como sua verdade.*

Nada me desestabiliza mais do que sentir saudades do tempo vivido, principalmente, quando questionada a vida pessoal, os amores e os amigos. Pedro Du Bois revela a amorosa amizade - "almas gêmeas" - com Gilberto de Oliveira Borges, o inesquecível Gigi, como era conhecido: *"Passo Fundo / silencia / suas novas chuvas // aquelas que não aconteceram / no último dia de agosto / do ano de 2002 // tivesse chovido / naquele dia / seu coração cansado e obstruído / ainda estaria entre nós // revestido como sempre / do corpo do amigo..."*.

Gigi sempre teve a preocupação de inovar, sem esquecer ou silenciar nos ecos do passado o seu amor por Passo Fundo. Hoje, ele se transformou no ecoar do passado, lembrado, entre tantas ações, pela sua única obra literária de ficção, escrita aos 17 anos de idade, *"Uma Terra a Procura do Céu"*, romance em que descreve a tradição gaúcha e a vida nos pampas, com suas mazelas econômico-sociais.

Quando deixamos ecoar o passado, aceitamos a responsabilidade para buscar e identificar as ações futuras que, de alguma maneira, nos fará reviver os fatos no reestruturar e influenciar a nossa caminhada. Curioso é que sempre estamos em renovação que nos permite, através do passado, perceber o mundo atual.

## HUMBERTO MAURO: Retrato

Humberto Mauro retratado como o *Poeta do Cinema*, foi o pioneiro do cinema brasileiro e inspirou o cinema novo. Segundo Noel Rosa, “*O cinema falado / É o grande culpado / Da transformação / Dessa gente que pensa...*” Ele iniciou no cinema com um curta de 5 minutos, o filme *Valadião, o Cratera*, em 1920. Logo depois fez dois longas metragens: “*Na Primavera da Vida e Tesouro Perdido*”, e o mais interessante foi que ele atuou como vilão, seu irmão Bruno como mocinho e a sua mulher, D. Bebê, como a donzela. Foi considerado o melhor filme brasileiro, pela revista Cinearte, em 1927. Dois anos depois montou, dirigiu e fotografou o primeiro documentário, *Cataguases*, e produziu dois filmes dramáticos: *Brasa dormida e Sangue Mineiro*.

Em 1930 fez a comédia *Lábios Sem Beijos*, junto com Adhemar Gonzaga, que sofreu severas críticas moralistas. Três anos depois deu a volta por cima com o filme *Ganga Bruta*, que o consagrou como cineasta na visão de Nelson Pereira dos Santos e de Glauber Rocha, que declarou: “*Mauro parece encerrar o impressionismo de Renoir; a força de Eisenstein; o humor Chaplin; a composição de Murnau*”. Também produziu o musical *Favela dos Meus Amores* (1935), com um elenco especial: Ary Barroso, Custódio Mesquita, Silvio Caldas e Orestes Barbosa.

No ano seguinte, outro musical: “*Cidade Mulher*”, filme com letra e música de Noel Rosa (a música título do filme): “*CIDADE MULHER, Cidade de amor e aventura / Que tem mais doçura / Que uma ilusão //... Cidade notável / Inimitável / Maior e mais bela que outra qualquer / Cidade sensível, / Irresistível, / Cidade do amor, cidade mulher...*” O triste é que os dois musicais

foram perdidos num incêndio, o que levou Humberto a ingressar no Instituto Nacional do Cinema Educativo, onde produziu mais de 350 documentários, entre eles: *Cantos do Trabalho*, que trata da cultura brasileira. Durante suas folgas, filmou a superprodução *O Descobrimento do Brasil*, retratando a chegada de Cabral.

Em 1974 fez seu último documentário: *Carro de Bois*, filmado em sua cidade natal, Volta Grande. Faleceu naquele mesmo ano.

Encantei-me com suas obras por trazerem cultura, criatividade, bom gosto, conhecimento e, ainda, por preservarem a nossa história. Documentários e musicais que até hoje são considerados obras de arte, devendo ser apreciados em cada ousadia de suas linhas e movimentos.

Luz, câmera e ação! Pura sensibilidade e emoção traduzidas em cada palavra, surpreendendo-nos com seu estilo transformador e renovador. Humberto deixou sua marca para que pudéssemos vivenciar o seu mundo de fantasias – verdadeiro universo de bem estar; e como disse o nosso poeta Vinícius de Moraes, “*O cinema é infinito – não se mede / Não tem passado nem futuro. Cada / Imagem só existe interligada / À que o antecedeu a à que a sucede.*”

## IVALDINO TASCA: a Prosa Está Viva

Vivo em um mundo onde tudo passa rapidamente, o que me leva a constatar que, por vezes, não consigo me atualizar a tempo. Também, noto que algumas coisas não se encaixam nessa velocidade, como a leitura de um livro. Sinto que o tempo não mudou a alegria e o prazer do momento, sigo lendo e chego aos ensaios do livro *Retrato 3x4 de Passo Fundo*, de Ivaldino Tasca.

Difícil não me render às suas palavras e passagens descritas em detalhes, captam a vibração do dia a dia da cidade, como em: *“Não procurem apenas em coisas materiais as causas que fazem desta Passo Fundo um lugar diferenciado no território da magia, do encanto...”*

A ideia é mais importante do que a realidade na força propulsora do autor, que vem do seu ponto criador e, assim, vivo a “glória literária” de Tasca, que me permite reviver a influência de Ivaldino quando, além das imagens de Passo fundo, revela as idiossincrasias e possibilidades de o realismo se deixar vivo em sua prosa.

Tasca mostra a sua paixão por Passo Fundo, retratando o passado de maneira concisa e existencial, em sua merecida atenção; mas, escreve sobre o passado que não é de natureza puramente histórica. Assim, *“Teixeirinha... e eu amamos Passo fundo. E daí?... Meu amor é melhor e maior por ser meu e porque mantém o sopro da vida afagando meu ser”*.

Com olhar atento, o autor reflete o sentido e o significado do *Retrato 3x4*, como se fosse o álbum composto pela memória, atemporal, mantida na vivacidade da prosa e narrada com palavras que vão do aço ao amor, trazendo o poder do vir a ser,

como substrato do que é em circunstâncias misteriosas e atrativas. Apresenta a obra como cenas em que a protagonista é a emoção nos questionamentos sobre suas experiências e vivências; tais como, *“As cidades são iguais... a diferença sutil que faz a grande diferença está no modo como os habitantes movem corpo e alma, inseridos nas ocorrências de ontem e do hoje...”*

Seu livro é prosa viva, aliada das situações em que Tasca propõe o desafio ao leitor; trajetória que marca o diálogo do dia a dia passo-fundense. Sua essência reside em dar vida à prosa, em emocionantes textos, no decorrer dos acontecimentos – amor e desamor; encontros e desencontros. Com intensa magia desperta variadas importâncias em novas realidades, como o lugar onde o leitor pode se sentir em “casa”: *“Nada mais íntimo e arraigado ao gaúcho do que o chimarrão, fiel companheiro cujo amargor adoça a alma e espanta a solidão”*.

Também, encontro Mara de Castro Tasca que, com suas ilustrações, completam a obra nas expressões pertinentes e recorrentes na prosa viva e inusitada do Autor, em imagens que contribuem para a lição de integridade artística do livro.

Ivaldino Tasca descreve fragmentos da vida na totalidade da compreensão de seus sentidos – liberdade e verdade – através da história em sua ficção. Em suas palavras, *“Sentimentos, vivências, experiências, relações não são facilmente compreendidas, assimilados e verbalizados, quando mergulhados na infinidade de tons com que batem, desdobram-se e rebatem os nem sempre ponderáveis componentes da essência do ser”*.

## **JOSÉ SARAMAGO: Todos os Nomes**

José Saramago faz parte das nossas vidas. E lembrá-lo através de *TODOS OS NOMES* é fazer referência ao setor cultural e desfrutar de sua companhia em todos os momentos.

*TODOS OS NOMES* é obra marcante pela sua criatividade, transmite uma literatura de qualidade, sem contar as mudanças positivas no seu modo de escrever: grandes parágrafos e grandes ideias. Trata da história de um escriturário do Registro Civil, José, que fazia coleção de nomes e de recortes de jornais. Certo dia agradeceu-se do nome de uma mulher e seu desejo de conhecê-la o levou a ignorar as regras do bom funcionamento dos serviços públicos; aproveita-se da vantagem de ser escriturário, para procurar em todos os arquivos dados que o levassem até a mesma. Não se detém ao ultrapassar a marca do permitido, para descobrir algo sobre a mulher com aquele nome.

*“Pessoas assim como este Sr. José, em toda a parte as encontramos, ocupam o seu tempo ou o tempo que creem sobejar-lhes da vida a juntar selos, latas vazias, pedras... vão tentando pôr alguma ordem no mundo, por um pouco de tempo ainda conseguem, mas só enquanto puderem defender a sua coleção...”*

Com coragem, o personagem passa pela porta do proibido e avança nos arquivos, copiando os dados, o que o deixa feliz e satisfeito ao ter conhecimento do todo. Ao viver de mentiras, que dão significado a sua vida, passa momentos de suplício ao se deparar com a data da morte constante nas anotações da desconhecida mulher.

O livro está recheado de conteúdo em sua beleza e profundidade com que aborda o silêncio e a solidão do personagem, dando qualidade intrínseca à importância e à significância do nome. O autor nos dá o valor absoluto do nome, como vida; o valor humano, profundo, que repousa na raiz da cultura.

*“Conhecer o nome que te deram, não conheces o nome que tens”. “Além do seu nome próprio de José, o Sr. José também tem apelidos, dos mais correntes, sem extravagâncias onomásticas...”*

TODOS OS NOMES, em cada capítulo, nos faz sentir vivos, retratando o valor do nome no sentido da expressão humana. É sensível a ponto de envolver o leitor em toda a arte encontrada, para refletir que o nome é a nossa natureza, nossa alma, nossos sonhos, nosso inconsciente e, principalmente, a nossa história.

TODOS OS NOMES é SARAMAGO, escritor consagrado e inesquecível, que agora ganhamos (ou perdemos) para a eternidade.

## JOÃO DOS SANTOS: o Livro das Metades do João

*O Livro das Metades do João é literatura infantil escrito por João dos Santos, quanto tinha entre seis e sete anos de idade. João Albuquerque dos Santos, nordestino de Fortaleza, nascido em 1993. Segundo seu pai, Fabiano dos Santos, também escritor, “João gosta tanto de desenhar que, às vezes, penso que foi ele próprio que se desenhou quando ainda morava na barriga da sua mãe. Parece que nasceu com um lápis de cor na mão e com ele foi crescendo e desenhando o mundo”.*

O livro nasceu quando João, ainda pequeno, mostrou ao seu pai os desenhos das metades, inspirados nas descontraídas tramas da vida, *“do mundo que mora dentro da sua cabeça e do mundo que mora fora do seu corpo”*. Fruto da sua imaginação, criou com descontração, e de acordo com o espírito da idade, verdadeiros mimos da alma transformados em desenhos. É interessante e diferente. Os desenhos, trabalhados com traços precisos do seu mundo infantil, onde mostra as metades criança de João e as metades *“fora do corpo”*, que brinca com as metades do escritor.

O livro tem ritmo iluminado. O menos é mais, porque traz movimentos com palavras marcantes, como seu espírito. É surpreendentemente criativo e atrativo: *“Sou a metade feliz / sou a metade triste // Sou a metade nu / sou a metade vestido // sou a metade sem olho / sou a metade com olho // sou a metade acordado / sou a metade dormindo // sou a metade com osso / sou a metade sem osso // Sou a metade dia / sou a metade noite // sou a metade água / sou a metade fogo // Sou a metade viva / sou a metade morta // Sou a metade pedra / sou a metade areia //*

*Sou a metade bicho / sou a metade homem // sou a metade flor /  
sou a metade gente // sou a metade negro / sou a metade  
branco...”*

A educadora Luíza de Teodoro declarou: *“o grande santo João, contou-nos o novo mundo e o novo homem. Ainda pequeno João nos mostra agora, o que a infância pode ver do que somos. Bendito sejas João dos Santos”*.

Para as crianças, nada melhor do que apresentar João que, com um lápis de cor, foi desenhando o mundo, onde as leitoras Júlia e Luísa habitam: o mundo da imaginação.

## **JORGE LUIS BORGES: Entretanto...**

Ator: Alain Delon, suspiros...

Cantora: Elis Regina, saudades...

Compositor: Chico Buarque, gênio...

Escultor: Bez Batti, a revelação...

Pintor: Joan Miró, a expressão livre...

Escritor: entretantos...o mestre Jorge Luis Borges.

Passeando em Buenos Aires pude desfrutar em cada livraria, reviver em cada pedaço da cidade, na rua com o seu nome, em cada canto a sua magia e, ao visitar o Centro Cultural Borges, a poesia se completa em “La Magia de Miró”.

Joan Miró foi um artista plástico que expressou suas ideias, fazendo convergir a doçura com a violência, a clareza com a obscuridade e a alegria...

Segundo Flora Süssekind: *Miró tem sua linguagem pictórica, a objetivação indireta, via pintura, de questões estéticas decisivas voltadas para o seu trabalho poético. Preocupou-se com o tempo, o movimento e de uma forma estática de focalização seguido da observação da sintaxe constelatória, da linha solta, em ziguezague. Ele trabalhava por meio do desdobramento e do tensionamento interno das imagens e do descentramento da observação e de seriais de composição.*

Todas as suas obras possuem títulos. Depois de secar a tinta, ele desenhava símbolos que os levava à um significado, uma reflexão. Nas suas obras, se interpreta o fluído do inconsciente, antes que se faça consciente. E, para André Bretton, *o inconsciente é a dimensão da existência estética.*

Em sua apreciação, disse: *“Trato de aplicar cores como palavras que formam poemas, como notas que formam música”*.

Miró foi igual a um poeta, plasmando seus sentimentos sobre o papel. Ele disse que *“... a pintura e a poesia se acham como se acha o amor; um intercâmbio de sangue, uma entrega total, sem nenhuma prudência, sem nenhuma proteção.”*

Assim, a fusão entre a poesia e a pintura dá maior ilustração à obra poética, tanto quanto a música e as estrelas ocupam um papel na poesia que se alheia à realidade.

No Centro Cultural Borges encontrei um mundo mágico, porque poético, do qual passei a fazer parte. Para criar esse novo mundo mais alegre do que a realidade, como fez Miró, trago a poesia de Borges, *“... poderia ser a tarde de ouro, / o homem dispõe os livros nas prateleiras que aguardam / e sente o pergaminho, o couro, a tela / e o prazer que dão...// ... mas na tarde que é talvez de ouro / sorri perante o curioso destino / e sente essa felicidade peculiar das velhas coisas amadas.”*

## JORGE TUFIC: “Coral de Abelhas”, por que não?

*“Que imensa gruta / é o homem / quando / fecha os olhos”*

Por que não reconhecer que ao ler o livro de Jorge Tufic, *Coral das Abelhas* salta razões para sentir que sua escrita é missão para enriquecer horizontes? Ou seja, que há passagem se abrindo onde encontramos poemas com certo mistério.

*“Vejo este azul, / mas vê-lo não basta. / Ele que vai do inseto / ao forno das estrelas / - nas quais, universo, / devora-se e canta.”*

Por que não se entregar a essa leitura e sentir que autor e leitor dialogam e juntos despertam o pensamento ao coração, permitindo ouvir o silêncio? *“O silêncio e a rosa / perdem-se juntos.”* Tufic entrega-se de alma ao bosque, às árvores e às pedras e nos faz sentir o prazer tomar conta da liberdade, como expressão da arte.

*“As árvores do mogno, / a paineira / e a flor do mucunã,  
Testemunha que a pedra está grávida e sonha. //  
Uma família inteira de pedras / conversa neste bosque. ”*

Por que não desfrutar do livro que reflete sentimentos nobres e nos leva a pensar sobre o embalo do tempo, provocando a sensação de bem estar e de saudade?

*“Do primeiro esquecimento / guardo a pitanga de chuva / a neblina dos rios amarelos / e a bolsa de prata / onde minha mãe também guardava / a solidão metálica / dos búzios.”*

Por que não reconhecer que *Coral das Abelhas* abre espaço na literatura, na certeza de encontrarmos nas imagens de Jorge Tufic o sonho a ser revelado através da sua palavra?

*“Poetas e girassóis / estão sendo moídos. //*  
*E o pó dos seus dedos / Clareia moinhos.”*

Por que não confiar em sua imagem e em suas palavras, onde a leitura é situação de ação? Por que não dizer que a poesia de Tufic traduz e perpetua a liberdade, o que a diferencia das razões e dos sentimentos? Por que não dizer que temos razões para acreditar que *Coral das Abelhas* é a leitura onde sentimos a brisa nos cabelos? Por que não?

Nos questionamentos residem as respostas, diante de um autor de imagens fortes, como refletido nas páginas do *Poema - Coral das Abelhas*.

## **JORGE XERXES: Ponto de Partida**

*“Percebe com toda a tua força. / O além daqui, aqui mesmo.”*

Jorge Xerxes é ponto de partida dentro da literatura despojada, onde revela vários aspectos da vida humana. Autor do livro *“As Cinquentas Primeiras Criaturas”*, em cinquenta textos: poemas, crônicas e contos.

Criaturas, por que trata do descalabro, da queda da humanidade, onde se manifesta de maneira incomum, com arte, sensibilidade e criatividade, *“Talvez seja por isso que eu escrevo para o leão: No fundo, eu e ele sabemos que a melhor forma de comunicação é fingimento de uma compreensão forjada na preguiça de entender”*.

O ponto de partida de Xerxes é que, com as mudanças aceleradas no cotidiano, os homens são mais resistentes ao pensamento, à criatividade, principalmente quando a abordagem é o tempo e o próprio ser humano, o crítico.

*“Diogo era um homem pequeno. Simplório. Calejado. Abandonado na crosta terrestre. Deslocado da escória do ser humano.*

*Ele crescia para dentro. Há tanto tempo que dentro dele havia um gigante.”*

Ao pensar em questões mais complexas, ligadas às atitudes das criaturas, Xerxes trata na sua obra os diferentes segmentos sociais, que simbolizam a capacidade criativa, convertidos em instrumento de lutas contra a exclusão e a discriminação no cotidiano.

*“Outro dia fui abordado durante a refeição: Você sabe me dizer se viu alguém levando garfos daqui deste recinto? Como não sei mentir, tive que apelar para uma linguagem metafórica: Você quer dizer componentes de discos voadores? Ao que o serviçal respondeu com um sorriso no rosto e uma pitada de ironia: Essa foi boa! Deixa pra lá; um imbecil como você não seria capaz desse tipo de coisa”.*

O ponto de chegada é ler o livro; literatura narrativa, no mínimo diferente e no máximo atrativa. Isso quer dizer que as palavras se integram entre ficção e realidade num pacote incomum, que engloba as histórias contadas do ponto de vista do autor, Jorge Xerxes, como desafiam suas palavras, *“Escrever é a expulsão de uma dor absoluta. A nossa Terra tem inúmeras frestas para magníficas vistas: mas quão efêmeras! Todo resto é a mazela humana. Lama da qual o trabalhador vai se despojando. Fica registrado o anseio infinito, que de tanto querer, um dia depois do outro, é da matéria pensante que o futuro se molda”.*

## JULIO CORTÁZAR: Poesia da Imagem

Buenos Aires é especial e nos recomenda uma visita à Praça denominada Julio Cortázar. A praça tem esse nome em homenagem a um dos maiores escritores argentinos. Três manifestações de modernidade incidiram na formação de Cortázar: o romantismo, o existencialismo e o surrealismo. Sua principal obra é O JOGO DA AMARELINHA (RAYUELA), que o marcou de forma indissociável dentro da narrativa contemporânea: “... *as fronteiras terminam e os caminhos se apagam...*”

Na praça Julio Cortázar está concentrado restaurantes, bares e, principalmente, redutos de artistas alternativos, como os artesãos “*chiques*”. Encontram-se belas obras de arte e, entre elas, destaco o artista plástico MIGUEL MATEU com sua tela surrealista *LA MODELO*, os tons da paixão e de sentir o coração em liberdade; uma inspiração que ilumina, com certeza: uma verdadeira poesia da imagem.

Na surpresa da curva, abre-se para a Rua Jorge Luis Borges, com seu casario dos anos 30/40; parece suspensa como nas telas e bonita como um poema, digna da homenagem ao nosso poeta Borges. E, ainda, regado ao som do maestro “*tanguero*” Astor Piazzolla: uma verdadeira imagem da poesia.

A praça Julio Cortázar brilha ao confrontar a participação do escritor, pintor e o músico, com os diversos modos de se encontrar com o público no mesmo espaço: uma verdadeira imagem da poesia.

É tradição a feira semanal; o encontro marcado com a cultura: poesia da imagem como encontramos nesse poema de

Borges: *“Um pintor prometeu-nos um quadro / ...senti, como outras vezes, a tristeza de compreender que somos como um sonho. / Pensei no homem e no quadro...// ... Pensei em um lugar prefixado que a tela ocupará./ Pensei depois: se estivesse aí, seria com o tempo uma coisa mais, ... qualquer cor e a ninguém vinculada./ Existe de algum modo. Viverá e crescerá como uma música e estará comigo até o fim...”*

## JÚLIO PEREZ: A Bolsa de Minha Mãe e Outros Contos

Chegou a hora de realizar o desejo inconfessável: escolher o acessório que muda tudo e deixa a mulher mais poderosa e glamourosa. A bolsa revela o estilo da mulher, sintetiza os flagrantes do cotidiano e suas lembranças.

Uma bolsa pode transformar o visual; nela são guardados os segredos que soltam a imaginação e, sem medo de ser feliz, Júlio Perez desvela, o que *A Bolsa de Minha Mãe e outros contos* contém, “... Pois bem, estes contos representam um período da minha vida literária que começou magicamente no ano de 1995...”

Li e remexi n’*A Bolsa de Minha Mãe* não me fiz de rogada ao percorrer o ritmo das palavras. Percebi que o mistério para o autor não é algo para ser desvelado, mas, para ser refletido. Demonstra seu toque pessoal ao revelar ideias com olhar diferenciado, “*A bolsa de minha mãe sempre exerceu um fascínio sobre mim... O fato, porém, é que essa bolsa monopolizava minha atenção todas as vezes que se apresentava a oportunidade de vasculhar o seu interior...*”

Entre charmosos acessórios, a obra preserva as referências intelectuais do autor, encontradas entre um conto e outro, com estilo único, nas misturas mais improváveis: tons vibrantes que aquecem e personalizam as histórias; os diferentes *looks* que levam o leitor a prestar atenção no mecanismo de movimentação da narrativa, desvelando os mistérios como nos contos: *A Caixa de Ferramentas*, *A Carta*, *O Interfone* e *A Bolsa de Minha Mãe*.

O livro está centrado sobre a escolha do destino na trajetória inspiradora de Júlio Perez: descrever os contos com

detalhes ao revelar o esforço do ser humano para com seu ambiente social; que cada pessoa contém suas diferenças e quer chegar a lugares diferentes para renovar seus momentos na vida, tendo por ideia sugerir ao leitor deixar sua marca, com expressão e impressão, num espaço dedicado ao lazer.

## LÊDO IVO: Paisagem

Invente o seu feriado, para poder apreciar o campo coberto de flores amarelas, margaridas e bem-me-queres. Pare para sentir o vento tocar o seu rosto e perguntar: qual o lugar mais bonito do mundo? Essa pergunta parece difícil, mas tem apenas uma resposta, que é de todos nós: é a paisagem verde, aquela que podemos ver e sentir, pois é na sua composição que toda a poética do espaço incide. Aos olhos atentos, flui poesia no tapete verde, na linha do horizonte e encontramos no simbolismo o lugar, o ato da poesia.

Lêdo Ivo inventou o seu feriado e nos mostra o que de tão especial captou na paisagem que admirou: *“Lá vai a formiga / perdida no campo / no imenso universo / de bosques e grama / no verde oceano / de folhas e troncos. / Ela vai sozinha / sem ninguém que a guie / nos sulcos e ramos. Pobre formiguinha / obrigada a andar / num mundo tão grande! / Rica formiguinha / errante e segura. / Por montes e vales / trancos e barrancos / e cercas e muros / ela já aprendeu / que tudo é caminho. / Indo no chão duro / ela também sabe / que hoje é o futuro. / Formiga perdida / e achada no campo”*.

A poesia de Lêdo Ivo reconfigura os campos e revitaliza o nosso dia a dia. A natureza merece respeito e, para a nossa qualidade de vida, é uma consequência direta.

Considero que ao vermos um campo verde, colorido pelas flores, sentimos energia como se fosse um dos cartões-postais mais lindos do mundo.

Às vezes não é preciso inventar um feriado para admirar a paisagem, a humanidade é parte da rede da vida *verde*.

Precisamos perceber como podemos valorizar a natureza, visto que os hábitos e as atitudes se entrecruzam e mesclam a paisagem e a memória.

Vale a pena aproveitar o seu feriado, para ter o prazer de conviver com a natureza e observar como tudo se transforma sem a ação direta do homem. É preciso agradecer pela beleza trazida pela paisagem: campos, bosques e jardins.

A paisagem dos *“campos, verdes campos”* nos nutre e é capaz de ancorar energias. Nela as imagens campestres revelam a condição humana, garantindo nossa sobrevivência à flor da poesia.

## LUIZ OTÁVIO OLIANI: o Averso do Verso

O livro de Luiz Otávio Oliani, *entre-textos*, faz descobrir o avesso do verso como desafio para seguir anunciando a poesia como o instante de diferença na vida do leitor, porque a voz do autor brota na impressão do poema do outro autor.

*Entre-textos* revela as tramas da palavra na sensibilidade dos poetas, revertidas na expressão da linguagem, realçando o avesso do verso como impulso literário, o que dá sentido, quando resgatadas no dia a dia, provocando reações emocionais ao conduzir o leitor para o caminho de lazer e prazer.

É leitura em que o leitor se beneficia da oportunidade de conhecer vários poetas na liberdade de seus pensamentos, dando à existência o sentido mágico, libertador aos olhos do entendimento; como no verso *Poema*, de Carmen Presotto: “... faz-se o verso, / tece-se a vida... / nossa estrada / e moradia // zigue zaguear de dedos / palavras pensamentos / parapeitos do ser // ecoam...” e no avesso *Receita*, de Oliani: “na mesa do poeta / rabiscos // guardá-los para quê? // o texto / a nascer / da memória // o poema / é libertação”.

A obra mostra o reverso como avesso do verso, onde o verso é de variados estilos e autores e o avesso (reverso), de Oliani. Os textos divagam o sentido para reconhecer a literatura como um valor em si, ao oferecer ao leitor a essência dos poetas na poesia do autor; como o verso *Epitáfio*, de Rogério Salgado: “Aqui nasce um poema / enquanto o poeta / falece na composição amarga / de rasurar sua dor”, e no seu avesso *Epitáfio*, de Oliani: “aqui jaz Oliani / cujos versos mínimos / traduzem / o verbo contido”.

Também o leitor pode se situar como diante de espelhos que refletem perfeitamente as ideias e os ideais na diversidade dos temas. O que se vê é poesia de quem espera algo acontecer, na perspectiva de elevar a voz dos poetas e levar o leitor a folhear com requinte as páginas do *entre-textos*, na finalidade de resgatar a palavra como conceito e ideologia, no momento em que a arte e o pensamento são voltadas para os campos luminosos das peças da imaginação; assim, o verso *Lição de Astronomia*, de Ricardo Alfaya: “*Certa lua tinha mil sóis. / Sem luz original alguma, / brilhava mais que todos*”, que recebe o avesso *Lição de Português*, de Oliani: “*amar, verbo transitivo? / amar é verbo de ligação / entre dois sujeitos*”.

É com o olhar de entendimento em profundidade na natureza de poeta que o autor demonstra na obra a experiência que ultrapassa os limites até então convencionais: “*projeto nascido no facebook... a literatura que encantou pelos vieses diferentes que autores produzem sobre a mesma temática*”.

Oliani repassa não apenas um novo conceito, mas a ferramenta que muda a consciência do leitor, sem descuidar da função artístico-literária, como no verso *O Rosto*, de Jorge Ventura: “*Assim / o mim, / Em cada rosto / a ser exposto, / uma expressão. // Um turbilhão / de meus eus, / áureos e erros. / Duas faces, / dois disfarces. / Por que sou avario? / Porque sou diário*”, e no avesso *Controverso*, de Oliani, “*assim / o mim / sucumbe ao eu / e me expesso / em duas faces / não sou o tu / não me rendo / a outro disfarce*”.

## **LUIZ FELIPE LOUREIRO COMPARATO: o livro Roteiro**

Luiz Felipe Loureiro Comparato é talentoso roteirista. Entre tantas produções, em 1983, publicou o livro *Roteiro*, que projetou o seu nome em muitos países. Obra única no gênero, editada em diversos países na América Latina, Espanha, Itália e Portugal.

O livro é produto de suporte às minisséries, pela experiência que o autor teve através dos trabalhos em *Lampião e Maria Bonita*, *Malu Mulher*, *Plantão de Polícia*, *Carga Pesada* e *O Tempo e o Vento*. Luiz Felipe gosta de enfrentar desafios para surpreender com inversões sobre as expectativas do viver.

No Brasil, para ele, a sobrevivência e a simples manutenção do padrão de vida exige que se trabalhe de quatro a cinco vezes acima de sua capacidade. No exterior é diferente, o profissional se envolve durante quatro meses com um roteiro e os outros oito meses são dedicados ao estudo e leituras, na recomposição das forças para o próximo trabalho. Ressalta que, *“Gosto mais de escrever para o teatro. O desafio é maior. Você tem o desafio do espaço e o desafio do tempo. Você pode delirar...”* .

Sua primeira produção no exterior foi em parceria com Gabriel Garcia Marquez; sobre o texto original do Garcia Marquez, *“Alugam-se Sonhos”*. Também, trabalhou no roteiro de *“O Homem que Descobriu o Paraíso”*, produção especial para a televisão soviética sobre a expedição de Langsdorff ao Brasil.

Sem qualquer dúvida, Comparato é roteirista determinado, mantendo o controle produção, exímio preparador do que está disposto a fazer e o que quer da vida.

## **MACHADO DE ASSIS: Lembrança**

Falar em Machado de Assis é lembrar o amor, as relações amorosas e os seus romances, como RESSURREIÇÃO (que foi o seu primeiro romance); os romances de folhetins, como A MÃO E A LUVA e HELENA; e IAIÁ GARCIA.

*“Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa, o essencial é que saiba amar.”*

Considerado o pai do realismo na literatura brasileira, escreveu vários livros de contos e, entre eles, destaco O ALIENISTA, em que discute a loucura, abrindo espaço para as questões psicológicas dos personagens. Nessa fase ele retrata o realismo literário, fazendo uma análise do ser humano.

Também, o livro MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, que foi um dos marcos do realismo na literatura, num estilo pouco convencional da época e que se encerra com a seguinte frase, *“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”*.

Machado tinha apenas 16 anos quando publicou o seu primeiro livro de poemas, “ELA” (já era um talento), escrevendo apenas no seu tempo livre, pois, era de família humilde e necessitava trabalhar; isso não o impediu de se tornar um grande escritor, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o seu primeiro presidente. Nela, como patrono, escolheu José de Alencar, por ter sido seu grande amigo. Por sua importância, a A.B.L. passou a ser chamada de a CASA DE MACHADO DE ASSIS.

*“Não é amigo aquele que alardeia a amizade:  
é traficante; a amizade sente-se, não se diz.”*

Lembro-me, do escritor Machado porque ele sempre me coloca em sintonia, na literatura, com os ritmos do mundo, *“Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer”*; do escritor carioca, brasileiro e da sua obra, *“Para as rosas, escreveu alguém, o jardineiro é eterno.”* Viva o jardineiro da Literatura!

## MAX MARTINS: em Busca do Novo

*“Escrevo duro / escrevo escuro //  
Neste muro / o que procuro, furo”.*

Max Martins, autodidata, poeta paraense, nasceu em 1926, em Belém do Pará, e morreu em 2009. Jovem se interessou pela poesia e foi em busca do novo. É dos maiores nomes da poesia nacional; despertou a atenção nacional, passando a limpo os conflitos agrários. Nas palavras de Elias Ribeiro Pinto, *“Sua poesia é (in)tenso, possui um discurso poético que resulta da escavação linguística, verso rupestre moldando, no corpo do poema”.*

A poesia de Max, como observa Benedito Nunes, nasce, renasce de rumores de crises – é no limite da página que o poeta supera seus limites. Conta o amigo Benedito, Max começou como editor e fabricava os livros datilografando seus poemas e os de Benedito. Essas tiragens caseiras de único exemplar corriam de mão em mão dentro de um pequeno grupo. Aprenderam a metrificar e a rimar os poemas com Jurandir Bezerra e Alonso Rocha, e a contar sílabas pelos dedos da mão direita. Naquela época honravam o parnasianismo e fundaram uma academia com espírito comum na maneira de sentir e de pensar o mundo real na literatura.

Seus primeiros textos foram publicados por Haroldo Maranhão no jornal escolar *“O Colegial”*, quando surgiu a amizade entre Haroldo, Benedito e Max, que perdurou mais de 50 anos. Juntos, participaram da *“Folha do Norte”*.

O conjunto de sua obra revela dois fatos que contribuíram para o desenvolvimento da sua poesia: a convivência intelectual com Robert Stock e o impacto do livro de Mário Faustino (O Homem e Sua Hora). O poeta Max ao lado de Benedito e Faustino viu chegar a modernidade na poesia brasileira.

Com a chegada do Modernismo, Max sofreu várias crises: a primeira, ele resolveu em O ESTRANHO (1952), recorrendo ao verso livre: *“Não entenderás o meu dialeto / nem compreenderás os meus costumes / Mas ouvirei as suas canções...”*. A segunda o levou para o ANTI-RETRATO (1960), foi nesse livro que a temática do amor carnal tornou-se o centro da sua obra: *“Os seios não são como as ondas, / colo de pedra lisa, espuma e sal; / mas o corpo todo um pasto branco para o canto...”*. O ANTI-RETRATO marcou suas relações “coletivas” com os poetas e romancistas nacionais e estrangeiros. Teve em Bob Stock o seu mestre de poesia. A terceira crise surgiu entre H’ERAS (1971) – metamorfose do EU: *“o amor tecido contra o muro”*; o amor e o desamor, sim e não, passado e presente, nessa alegoria o poder das expressões fixa-se no “desenho” da palavra central (hera, era, eras), *“a tarde era um problema...”* – e o OVO FILOSÓFICO (1976). Os poemas desse livro trouxeram a resposta problemática. O autor nessa fase interpretou a sexualidade, o ideal da completividade e o significado das palavras, sempre mantendo a relação do poeta com a palavra ativa: *“ovo e olho / raiz e vela / a um valo / paralelos”*. O OVO FILOSÓFICO e O RISCO SUBSCRITO (1980), são poemas espaciais e líricos, reflexivos, misturando-se com visual discursivo: *“na praia / o mar joga sua carta / ágrafa”*. A quarta crise foi marcada pelos livros: *“NÃO PARA CONSOLAR”* e *“MARAHU POEMAS”*; neste a sua poesia sei desenvolve em surtos de criação. As transformações o leva a diferentes fases da poesia e

à descontinuidade com modificações, em diversos ciclos, que caracterizaram a poética do “NÃO PARA CONSOLAR” (1992): *“A velha matriz branca / de portas largas / sozinha na praça / olhando o rio sujo”*. Max retorna à perspectiva da poesia como “trabalho de arte”, enquanto objeto estético do anônimo; o labor reflexivo do poeta com a matéria das palavras.

Na década de 40, Max recebeu a herança pós-modernista e, na década de 80, fez descobertas poéticas e escolhas intelectuais que homenageou com “A FALA ENTRE PARÊNTESES” (1982) – livro que enriqueceu a sua individualidade poética. Já em “CAMINHO DE MARAHU” (1983), a característica foi a fisionomia espacial e a forma epigramática, na sugestão do “haicai”, mudando a forma do poema moderno-tradicional. Essa alternância marca a sua escrita e trouxe como estilo, no livro-pochete: *“... te insinua às sombras (que estão nos outros – e subsistem ao gráfico parêntesis: - Flechas ferindo-se no espelho. Reflexos / Dança indefinida... ”*.

A sua poesia traduz a habilidade em modificar a liberdade que o destino lhe colocou; é uma poesia iluminada por metáforas úmidas, tem como tema o processo da escrita e faz uso do lirismo como instrumento da língua. Como escreveu Amarílis Tupiassu, *“Com ele a palavra sempre atinge além do possível. Forma, disposição da grafia, cor, ritmo, sonoridade, disjunção e conjunção de elementos significativos,... a palavra em sua integridade ou fragmento,... prefixos que ganham o mundo sozinhos desmembrados de seus radicais; colagens, grafismos, o desenho, a visualidade, a imagem, ... Poeta para quem a construção, a fruição da poesia é ato vital...”*. Amostra do que seria a virtude poética de Max: *“O rio que eu sou / não sei / ou me perdi”*.

## MARIO QUINTANA: o Poeta Diante da Sua Arte

Estou em Porto Alegre, capital e coração do Rio Grande; a oportunidade para lembrar a intensa vida e o trabalho de Mario Quintana que, com emoção, possibilitou a realização integral de seus sonhos de liberdade e felicidade. O poeta amou a cidade que, desde sempre, lhe retribuiu esse amor.

Quintana foi poeta muito especial, o que nos permite penetrar no reino das palavras *quintanares* e passear pelos seus textos como quem conversa com a cidade de Porto Alegre.

A reunião de alguns de seus textos permite a visão do seu percurso, mostrando o poeta diante da sua arte:

**1 – Preto no Branco** - Quintana transfigura a imagem da cidade, nas metáforas de seus poemas.

*“A arte de escrever é, por essência, inerte e tem sempre um quê proibido: algo assim como essa tentação irresistível que leva os garotos a riscar a brancura dos muros”.*

**2 - A Rua dos Cataventos** - Mario Quintana, muitas vezes, confundido com a paisagem das ruas de Porto Alegre.

*“Jogos de luz dançando na folhagem! / Do que eu ia escrever até esqueço... / Pra que pensar? Também sou da paisagem...”*

**3– De Sonetos e de Canções** - Uma das características de Mario Quintana é a melodia de seus versos, símbolo que, ancorado na cidade, fez dela seu itinerário de canções.

**4 – O Diálogo entre o Poeta e a Rua** - A exploração de suas andanças pelas ruas de Porto Alegre.

*“Dorme ruazinha... É tudo escuro... / Em meus passos, quem é que pode ouvi-los?”*

**5 – XI Passos da Cruz** - O poeta funde em poesia a realidade e a imaginação: Porto Alegre é sua poesia.

*“Não sou eu quem descrevo / Eu sou a tela E oculta a mão colore alguém em mim”*

**6 – O Mapa** - Nesse poema ele fala de lugares, ruas, bairros e estão relacionados às suas diferentes lembranças sobre a cidade.

*“Olho o mapa da cidade / Como quem examinasse / A anatomia do corpo... / sinto uma dor infinda / das ruas de Porto Alegre / onde jamais passarei...”*

**7– Na Volta da Esquina** - O eu-lírico presente no texto, “sorrisos” com uma pitada sobre política, sua maneira de ajudar a refletir seu encanto por Porto Alegre:

*“Os sorrisos mais encantadores que a gente recebe na vida são os desses candidatos em vésperas de eleições”.*

**8 – Ora Bolas** - Segundo Luís Fernando Veríssimo, Quintana dizia muito “ora bolas”, que era o seu desabafo de mil utilidades – é um livro que reúne o humor cotidiano.

**9 – Dos Livros** - Aqui, Quintana revela a face secreta de Porto Alegre e de seus habitantes.

*“A duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores”.*

**10 – O Auto-retrato** - *“No retrato que faço / - traço a traço – / as vezes me pinto nuvem / as vezes me pinto árvore”.*

Para Quintana, escrever sobre Porto Alegre, era a sua maneira de comunicar-se com o mundo e demonstrar seu amor pela cidade. Hoje, a certeza de que a mesma se reconhece em seus versos e ele está presente em sua paisagem.

## MANOEL DE BARROS: “o Grande Poeta de Pequenas Coisas”

Faço desta, uma homenagem, para dizer algumas palavras de encantamento ao poeta Manoel de Barros. Peço licença para homenagear o grande mestre. Peço licença, sim, porque sou amante da poesia e, entre os meus escritores, Manoel de Barros é um dos preferidos e, em tudo o que se escrever sobre ele, estaremos nos repetindo, mas a repetição será permitida por sua grandeza pessoal e pela grandiosidade da sua obra. É um prazer poder reler, rever e reviver o poeta dos “*desacontecimentos*”, o “*poeta do pantanal*”, o “*lírico da ecologia*”, o “*virtuoso do realismo mágico*”, o “*o grande poeta de pequenas coisas*”. O que me permite repassar alguns fatos significativos da sua vida, como diz Pedro Du Bois, “... *Escrevo histórias / recontadas em outros dias / de mesmas palavras.*” e Orides Fontela, “*a luz está em nós: iluminamos.*” – podemos dizer que a luz está em Manoel de Barros: iluminando-nos.

A seguir, cito alguns textos sobre o poeta e sua obra.

Fabício Carpinejar, em “*Manoel de Barros: poesia para reciclar*”, dezembro de 2006, conta que o poeta está casado há 58 anos com Stella, seu grande amor. Ela é a primeira e única leitora de seus originais. É bem crítica. Se ela não gosta, diz: “*Sobe e vai trabalhar mais*”. Ele só dá por terminado o trabalho quando ela define que está bom, pois, conhece o seu estilo. Manoel de Barros editava as suas obras em tiragens artesanais e de escassa circulação. Teve o reconhecimento na década de 80, por críticos e personalidades, como o dicionarista Antônio Houaiss, o escritor Millôr Fernandes e o editor Ênio Silveira.

Manoel é poeta do simples e da delicadeza, que adota a autenticidade dos defeitos. Tem estima pelas coisas e homens jogados fora pela sociedade. Seu universo é o do cisco, dos gravetos, dos *inutensílios* e dos *nadifúndios*. O escritor atua no espaço *faz de conta*. Interessa-se pelos hábitos das lagartixas, lesmas e animais rastejantes. O poeta faz brinquedos verbais com osso de arara, canzil de carretas, potes furados, sabugos. A singularidade de sua poética reside em combinar a aguda percepção urbana com um repertório primitivo e rural. Para Barros, o que é descartado é jogado dentro do poema. E afirma que o verdadeiro conhecimento está na leitura do mundo. *“Poesia é voar fora da asa”* (O Livro das Ignoranças).

O editor Ênio Silveira, sobre o *“Livro das Ignoranças”*, mostra como o poeta nos toca pela magia de seus versos, o que nos leva a compará-lo na tentativa de defini-lo como: *“grande poeta de pequenas coisas”, “o lírico da ecologia”, “poeta do pantanal”, “o virtuoso do realismo mágico...”*. Deixamo-nos envolver pela sua poesia, em que nos encantamos, pela sua constante redescoberta das palavras.

Adélia Menegazzo, sobre a obra *“Concerto a Céu Aberto”*, aponta que a leitura de seus poemas vem preencher os vazios e descobrir que o poeta entrega ao leitor um concerto de sons... audíveis apenas no silêncio entre uns e outros. Porque, antes de tudo, *MÚSICA!* Cada verso seduz pelo desvio, pelas dissonâncias e revela a revolução das palavras, *“Do canto das aves está posto o concerto em pauta”*.

Paulinho Assunção, sobre *“Poemas Rupestres”*, apresenta este menino que *“pegou um olhar de pássaro”* e que *“contraiu visão fontana”*, este menino, sábio dos *“desacontecimentos”*, este é um menino-manoel. É um menino *“com olhar – furado – das*

*nascentes*”, que gosta de *atrelar* palavras de rebanhos diferentes, com o intuito de *“causar distúrbios no idioma...”*. É preciso dizer: todos nós nos desabrimos em outras pessoas diante da poesia de Manoel.

Adalberto Müller Júnior, a respeito de *“Matéria e Poesia”*, traz que a originalidade do poeta consiste em elaborar liricamente, com as coisas menores, verdadeiras relíquias de linguagem. Manoel de Barros é capaz de transformar a matéria mais desimportante em poesia.

Pedro Du Bois no livro *“As Pessoas Nominadas”*, presta homenagem ao poeta, *“Palavras // Um, santo de barro /outro, Manoel de Barros / de comum,/andor/ ardor/ com que santificam / palavras / ditas / escritas /jogadas ao vento / que as reproduz.”*

Não posso deixar de expressar minha gratidão pela existência de Manoel de Barros, pois ele é palpitação em nossas vidas. O seu conhecimento vem através dos sentidos. Ele descreve os sons, dando-nos condições de, ao lê-los, poder ao mesmo tempo ouvi-los e senti-los. O poeta humaniza as coisas, o tempo e o vento. E mais, gosta das músicas de Chico Buarque e de Paulinho da Viola!

Ao completar 90 anos, recebeu o prêmio Nestlé de literatura, pelo livro *“Poemas Rupestres”*. Também conquistou outros dois prêmios: Jabuti e da Associação Paulista dos Críticos de Artes. Mas, o seu maior prêmio é ter a sua obra distribuída em todo o país.

Manoel de Barros se considera um *“songo”*, como fez constar em seu poema inédito de mesmo nome: *“Aquele homem falava com as árvores e com as águas /ao jeito que namorasse //... Dizia que era abençoado pelas rãs e pelos / pássaros / A gente acreditava por alto / Assistira certa vez um caracol vegetar-se /na*

*pedra //... Era muito encontrável isso naquele tempo./ Até pedra criava rabo!/ A natureza era inocente.”.*

Discordo quando o poeta, em seu autorretrato falado, em 1994, disse: *“estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis...”*. Prefiro quando ele diz que a *“Poesia tem que ter palavras, uma feira de ideias.”*.

## MÁRCIO ALMEIDA: Sonhar

Perco o prumo, saio do rumo, fico sem cor quando sonho com a vida. Gosto de ouvir o som do mar, dormir ao luar. Ao usar os sentidos percebo cada detalhe do mundo. Fico surpresa ao ler poesia e sentir mudanças, como novas maneiras de sonhar, como se reservasse um segredo. É o que encontro em Márcio Almeida, no poema *Alívio*. Ele transforma os padrões e me surpreende como dono do tempo – o presente no futuro – daí rompe os sentidos tão “sedentos” de sonhar. O meu rumo segue as palavras do escritor, como a leveza da brisa e a fúria do vento.

*“Uma noite sem pernilongo... / uma chuvinha com raios e trovões em meio a madrugada, / um jornal de TV sem bala perdida, / um dia sem falta d’água, / um consenso no Congresso a favor do povo, / um dia sem apagão //... um programa de TV sem apelação do sexo, / um político pronunciando a palavra” nós”, / uma música que não seja só sertanjo ou funk, /... uma religiosidade sem as peias do fanatismo, / uma manifestação pública sem os excessos do rancor...”*

O prumo do poeta é a esperança como luta pelo ideal. Mostra obstáculos intransponíveis e não trai seus princípios: justiça, liberdade e humanidade. Vejo que as nuvens encobrem o sol quando sonho uma vida sem barreiras, mas, tenho certeza de que o sol não desaparece, nem as ideias deixam de serem ares de esperança. Olho para o mar e vejo que Márcio não se encontra sozinho; seu poema representa a perseverança e a atitude, para não sofrermos sem necessidade na busca do sonho.

*“... um único dia sem competitividade humana, / um único dia sem cometer devassa na natureza, //... um instante para lembrar que a poesia (ainda) existe”.*

O Poeta “grita” em favor da vida, ao retratar palavras que espelham momentos de ambição capitalista e, assim, revela seus direitos.

*“... um atendimento no SUS sem omissão, / uma ida ao supermercado sem inflação, / um livro bom que não seja best-seller, / uma taxa que não tenha desempregos, / uma redação do Enem que não tenha nota zero...”*

No ar pesado e o mar denso, estremeço ao pensar que os homens tornam a vida em lugares vazios, onde o “sonho acabou”, como canta Gilberto Gil.

Insisto em sonhar porque acredito na existência da justiça, do amor e de palavras como “honra”, para eu descobrir o prumo e o rumo ao crer no ideal e, juntos, lutarmos por ele.

*“... uma bandeira branca contra as guerras pelo mundo, /... um espelho para a transparência... / um instante para lembrar que a poesia (ainda) existe”.*

Flutuo na brisa, navego em ondas onde encontro a poeira que espalha o sonho. Retorno e passo o tempo buscando a igualdade, a honestidade e a lealdade e, ao mesmo tempo, procuro descobrir porque a vida testa o meu sonho.

## MIGUEL GUGGIANA: Bar, um Olhar

Nilto Maciel pergunta: *“você acredita em amizade?”* Taveira responde, *“Não só acredito como não posso viver sem meus amigos”*. A vida passa no instante em que encontramos os amigos na mesa do bar. Entre músicas, palavras e os múltiplos caminhos, o bar é o limite que dá sentido para quem procura outro sentido: contar histórias e ouvir mentiras satisfeitas e insuspeitas, como a lâmina da faca dá emoção às palavras sem compromisso, como as indagações na possibilidade de esconder e desvelar segredos – causos se cruzam nos espelhos.

Quando vejo o grupo de amigos reunidos na mesa de um bar, lembro o primeiro livro de Miguel Guggiana, *“Garçom, a Saideira!”*, presente no olhar com que detona velhas histórias tocadas em diferentes modos e públicos. Usa do senso de humor para personificar o espelhamento das circunstâncias sociais; recria com “realismo” o ambiente, lugar da trajetória das “enganações bregas”.

No olhar lançado ao garçom, de modo persuasivo e participativo, o autor o torna mais importante do que o fato dele trabalhar no bar; ele passa a fazer parte das histórias, vivo e vivido, no escutar as histórias de todos os dias (e noites). Segundo Guggiana, *“Às vezes, notava-se nos olhos o desejo de sentar-se ali, beber alguma coisa e também contar a sua...”*

*“Garçom, a Saideira!”* está construído através das ilusões, como causas das fantasias “reais” e convincentes. Mostra ao leitor que o mundo dos encontros é, ainda e sempre, a mesa de um bar. Conta Guggiana, *“Bar do Moa // Reinou como “point” da tardinha passo-fundense por bem mais de uma década... Mesas de bar,*

*ah!... Reginaldo Rossi cantando, “garçom, aqui nessa mesa de bar...”*

Com o olhar percebo quando a ficção e a realidade, uma perseguindo a outra, apresentam “os causos” aos amigos do bar, desvelando o que há de mais valioso: a imaginação intensa, irretocável e intocável irradiada de cada pessoa ao se revelar por inteiro nos encontros (e desencontros), como no texto “*Os devaneios da delegada Helô na delegacia da polícia da Vila Tunda de Laço*”. Sem dúvida, o autor com seu olhar descreve as diferenças individuais e sociais, como acessório, para que o leitor sinta a exaltação através do estado libertador na arte.

É bem verdade que somos todos iguais, porém diferentes, quando dizemos: *Garçom, a Saideira!* Nas palavras de Guggiana, “*Não digo? Nunca estão satisfeitos. Por favor, querem o quê? Causos do Machado de Assis? Que ele venha aqui tomar um trago com vocês. Chega por hoje. Garçom, a saideira! Das de garrafa*”; assim, em dado momento, a alegria altera as cenas do cotidiano na satisfação com que o freguês, satisfeito, espera o garçom trazer a saideira.

## **NUNO DAMPSTER: a Lua**

O poeta Nuno Dempster carrega a LUA no seu poema, onde mostra que dentro de você a vida se torna possível (mesmo sem esperança) e mesmo assim a luz (luar) pode invadir a janela d'alma.

*“Tenho de repensar a minha vida, / disse-me e acrescentou: /  
ser-se feliz é não ter esperança”.*

A esperança é única. Aliada a um estilo de vida torna os desafios do presente em detalhes e faz acreditar, sempre, em cada descoberta.

*“Lembrei-lhe o sol e o mar / que hoje vejo sozinho aqui na praia /  
e respondi que não há quem viva assim, /  
ainda que a esperança não exista.”*

Nesse viver de encontros e desencontros as histórias são as mesmas, mas, o que muda é a maneira de contá-las e vivê-las.

*“Mas vi-a olhar para o céu, / dizendo que a sorte é termos a Lua /  
-rege-nos as marés e o corpo -, / e que amava seu rosto claro, /  
um espelho de luz na noite / onde se olhava já sem sonhos.”*

Parar e olhar no espelho, ver o reflexo d'alma, com altos e baixos, como alternativa e possibilidade de sentir a esperança. A luminosidade traz a energia que não cabe em você. A luz do luar

invade você que persegue as ideias com a intenção de fazer e se sentir melhor.

*“Nem suspeitou ser isso a esperança, / a lua e os espelhos  
sem mais nada, / a música que ouvimos e o  
mar além, atrás das dunas.”*

Dempster no poema a LUA, revela encontrar o respeito, os limites de si à procura do espaço para fazer o menos ser mais, o pensar ser o sonhar. E que hoje o realismo mágico é pano de fundo para acreditar em ser feliz, porque ao olhar para o céu verá a Lua.

O poeta cria um lado consagrado e irreverente com o poema. Mostra a contribuição da imagem da Lua, que atua quando o envolvimento com a vida é considerado variante da esperança. Deixa o leitor, também espectador, sentindo a luz do luar refletir seus pensamentos.

## **NILTO MACIEL: a Magia se Renova**

Inspiração é a expressão que me faz acreditar que a boa literatura me ensina a viver neste mundo e a sobreviver na expressão literária como força libertadora. Como exemplo, a magia se renovou com os autores que lutaram pela liberdade de expressão: Carlos Drummond de Andrade; José de Alencar; Guimarães Rosa; Augusto dos Anjos e, agora, com Nilto Maciel no site Literatura sem Fronteiras e entre várias obras literárias de diversos gêneros.

Nilto Maciel é feito de palavras: a magia com ele se renova no instante de ser a transparência das palavras; na transformação do pensamento em desejos, para revelar escritores que tem a palavra como bandeira da liberdade de expressão e da liberalização dos costumes em favor da cultura, como *“Alheio à palavra de ordem / poesia deve ser um jeito de denúncia”*.

A magia se renova quando Nilto abre as portas para o leitor conhecer quem sustenta a boa literatura e assim, a poesia e a prosa fica como instrumento de sedução, onde o estilo e a inspiração oferecem ao leitor a imediata sensação de bem estar, até porque o bom leitor procura por novidades. E, a redescoberta por Nilto de tantos escritores esquecidos, desconhecidos e desconsiderados pelo mundo editorial, enriquece e espalha pelo mundo a mágica renovada em “padrão” de textos consagrados, fazendo do leitor o seu ponto de encontro.

*“Por extensão, a palavra é, ainda, pedra no meio do caminho e nela o poeta tropeça para descobri-la. A palavra existe em abundância e ao poeta cabe alcançá-la”.*

É efeito e tanto; fatia da literatura para enfrentar a realidade diária. Esse tipo de postura gera impasses: emoção *versus* razão e liberdade *versus* criação, onde a magia se renova.

Nilto Maciel, ao desenhar palavras que sente e rerepresentar autores que considera, rompe com a norma e a transgredir na literatura e, algumas vezes, no comportamento, porque ao criar mostra diversas nuances ao mesmo tempo, que revelam a sua manifestação cultural. *“Até onde ou quando somos sempre outros?”*

Ele renova a magia com as observações e personifica sua escrita no desvelar autores e transmitir suas sensações, que variam de acordo com o momento da leitura e da época, como expressa *W. J. Solha: A Lucidez Possível*.

Nesse sentido, a literatura é dinâmica de inspiração, onde Nilto Maciel registra aquilo em que acredita: obras com liberdade de expressão onde a magia se renova. Ainda, mostra que mesmo as coisas mais simples podem se tornar sublimes na escrita.

A magia se renova nas obras, porque tem o que dizer sobre todos os tempos; resgata emoções e recupera valores em épocas de incertezas. Nilto deixa claro que o escritor mais indicado é aquele que consegue conter a alma da obra e refletir os sonhos na literatura.

Ao sobrepor os poemas, Oliani comunga o tema em ideias e estilos diferentes ao espelhar a importância de cada um dos autores, reconhecendo na arte de escrever o respeito mútuo inerente a cada poema, o que proporciona ao leitor o deleite e o diálogo na liberdade consentida através da passagem para desvelar o verso em seu avesso.

## PAULO MONTEIRO: o Poeta da Cor do Tempo

Não sem razão, Paulo Monteiro escolheu o título, *eu resisti também cantando*, para seu livro. A consciência do autor se manifesta através dos poemas onde retrata sua resistência possível em relação aos anos de *chumbo*. É nesse sentido que causa efeitos semânticos e atemporais.

Seus poemas cantam a própria história onde estão presentes as inquietações de quem sempre lutou pela democracia e não deixou esvair seu canto.

*“ dizem que sou poeta não sei não / a vida é dura demais  
para a poesia / a vida é crua e nua demais para a poesia /  
a sobrevivência exige inventividade / astúcia vivacidade  
demais para a poesia / por isso o poema é duro cru e nu...”*

Paulo evoca poeticamente os anos vividos em Passo Fundo, mostra os momentos de amor; sua relação com o passado resgata os labirintos do tempo. Ele possui a poesia, como também é possuído pela lembrança na leitura de cada poema, revelando a cor do tempo.

*“há quantos anos não vejo / quem foi meu primeiro amor /  
hoje só vejo meus sonhos / pelas janelas da dor...”*

Tempo em que o autor cantava a palavra do tempo, agora que a história ficou no passado; no livro, encontro o tom – além do tempo - como lembrança desejada em que podemos descobrir

os olhos do poeta em vagos mistérios: as palavras se desamarram, os poemas desbravam e as histórias se encontram.

O leitor é conduzido pelas reações encontradas nos registros, que (re)criam a perspectiva do tempo ao desnudar véus revelados em cicatrizes, e isto nos faz sentir pulsantes no processo da vida.

A dinâmica com que o poeta se apresenta, sacode o leitor com o passado e, com a consciente leitura no presente, o envolve em várias direções: semântica, lírica, amorosa e política.

Sua poesia está além do encantamento, do domínio e da sabedoria, documentada em seus *“cantos de resistência”* durante a ditadura militar, no tempo, no espaço e na formação da sua consciência. No amor é inspirador e ponto de convergência e sobrevivência como homenagem e divisa do significante e do significado em sua vida.

*“olha/ que tenho marcas / de ferro nos pulsos / e nos tornozelos /  
não me apertes desse jeito / mulher / entre teus braços e pernas /  
pois as velhas cicatrizes / podem romper-se algum dia...”*

O poeta Paulo Monteiro é fruto da história social e individual, que alcança proporção significativa com suas memórias, e que o remete ao universo de reconhecimento enquanto ser criativo, visto ser professor e historiador por excelência. Também, determina novos tempos ao seguir a sua hora “interior”. Ao expor seus ideais e sentimentos, sua poesia se confunde com a vida, descrita nas indagações que ela lhe coloca: a cor do tempo.

## ROBERTO PIVA: “Além das Letras? Há Vida”

A vida é feita de pequenos momentos e grandes voos. Na busca por livros; na busca pela qualidade da literatura; na busca pelas obras de que mais gostamos, os escritores podem garantir agilidade que nos fazem voar cada vez mais, simplesmente.

Seja pela leitura, por autores independentes, juntos voaremos ainda mais alto, quando nos lembramos de autores como Roberto Piva, que com competência revolucionou a linguagem-escrita em forma de criatividade e novidades. Seus primeiros poemas foram publicados em 1961, quando tinha 23 anos. Piva formou-se em sociologia e foi professor de Estudos Sociais e História.

Segundo João Silvério Trevisan, *“em suas aulas aos adolescentes do segundo grau, costumava trabalhar as matérias a partir de poemas que os fazia ler e interpretar”*.

A criação dos poemas de Roberto Piva teve rara influência na literatura brasileira, porque seus textos aliam transgressão a um notável conhecimento e saber. Sua obra é referenciada pelos filósofos e poetas que extrapolam os limites da expressão racional, como podemos ver no seu poema Libelo:

*“Não mais trarei justificações / Aos olhos do mundo. / Serei incluído / “Pormenor esboçado” / Na grande bruma. / Não serei batizado, / Não serei crismado, / Não estarei doutorado, / Não serei domesticado, / Pelos rebanhos / Da terra. / Morrerei inocente / Sem nunca ter / Descoberto / O que há de bem e mal / De falso ou certo / No que vi.”*

Piva é grande apreciador do jazz e da bossa nova. João S. Trevisan diz que “o traço marcante na obra de Piva é o total desmantelamento da versificação métrica... na tentativa de transpor para a poética escrita o ritmo sincopado do jazz e a respiração do músico de jazz.”, como no poema:

*“Não vale / sair / com asas / onde / o cra cra cra cra cra cra cra  
/ cra cra cra cra cra cra / se amassava / nas / velas apagadas /  
quem quer / o telhado / de lágrimas? ...”*

A única certeza que tenho é a de que Piva veio para transgredir na vida e na poesia; seus textos refletem musicalidade, ritmos e delírio expressivo. Na sua vida incorpora o intelectual e o erudito, conhecedor de arte, literatura e filosofia. Ainda hoje, é referência de transgressão e crítica que se faz marcante tanto em sua poesia, quanto em nossas vidas.

Não permitamos sermos um país sem memória, deixando raridades intelectuais, como Roberto Piva, pelos corredores da vida, porque concordo quando Leila Míccolis diz que *“Além das Letras? Há vida”*.

## THOMAZ ALBORNOZ NEVES: Exílio

Para José Saramago, *“Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia a mais”*. Faço questão de dizer que, em mim, no dia em que recebi o livro *Exílio*, de Thomaz Albornoz Neves, renasceu a alegria de viver, porque é obra peculiar ao superar os padrões vigentes do conformismo em mesmas ideias. Vai além, com novas metáforas e rico vocabulário, com o que dá forma e cor à poética associada ao tempo.

*“O ar que respiro / é o vestígio // de outro / mundo neste //  
Um mundo ausente”. “O que percebo da realidade /  
veda minha percepção / da realidade”*.

São palavras desenhadas que, reveladas em poemas, vão da arte de viver ao cativante, em que suas ideias são vozes diferenciadas ao se apresentarem em sintonia com o isolamento, o tempo e o silêncio: solidão.

*“A solidão / de cada um / é a de cada coisa //  
Em torno / o mundo ocorre / em si mesmo”*.

O autor nutre profundo sentimento pelo SER, e o retrata a ponto de me levar a imaginar o seu “Exílio”, com características marcantes, no desvelar situações difíceis que lhes permitiram aflorar o melhor do seu EU, como desafio para despertar no leitor os sentidos e a liberdade, o viver e a sensibilidade como bem maior.

*“Escrevo / para saber o que escreveria / se escrevesse //  
Mas o que digo / repele / meu entendimento”. “Escrevo contra  
a escritura / e o que escrevo / é o que resta da realidade”*.

Albornoz é conciso em sua poética, mas, ao mesmo tempo, grita pela liberdade com o poder do silêncio, o que torna a realidade afoita como modo de transformação.

*“Entre o papel / e a mecha da lamparina // Sou quem? //*  
*Não quem / me sinto sendo // O me é onde?” “Palavra surda //*  
*em seu eco mental / um ouvido estrangeiro a ela”.*

## T. S. ELIOT: A Poesia

Li o artigo de Daniel Piza, onde o poeta e ensaísta T. S. Eliot, apresenta em forma de pergunta a sua poesia, *“Onde a vida que perdemos no viver? / Onde a sabedoria que perdemos no conhecimento? / Onde o conhecimento que perdemos na informação?”*

T. S. Eliot foi um escritor americano do Século XX que, em apenas um poema, me fez perceber a dimensão que alcançou e que é ainda atual, fazendo-me perceber o quanto vivemos num mundo com *“informações a toda hora”* e como isso pode nos deixar confusos.

Eliot consegue em seu poema mostrar três níveis distintos: a informação, o conhecimento e a sabedoria. E que cada um tem seu lugar certo. Muitas vezes é classificado como *“informação”*, o que deveria ser chamado de *“dado”*. Isto é, quando você sabe apenas uma informação, então terá um dado; quando você sabe qual o papel essencial, um dado contextualizado, então terá a informação. E quando você tem um conjunto de informações no seu valor específico, então, terá o conhecimento.

A sabedoria é o conhecimento transformado em modo de vida. É manter a opinião aberta para que o conhecimento seja sempre revisto.

Eliot pergunta: *“Depois de tanto conhecimento, qual o pecado?”* Ter muito conhecimento não é pecado. Acesso às informações, já temos; falta saber o que fazer com elas. Pecado é não repassar as informações adquiridas. Sábio é tornar a informação uma fonte de conhecimento que inove o modo como se interpreta a vida e, ao mesmo tempo, duvidar da

transformação da informação em conhecimento, entendendo as manifestações como patrimônio da nossa cultura.

Para Eliot, segundo Ivan Junqueira, "*não existem palavras mais ou menos belas... seriam apenas as que se adequassem no contexto da estrutura poemática - é um devoto da tradição que quebrou os moldes tradicionais para dar novas formas à poesia inglesa.*"

## W. J. SOLHA: Nada é Impossível

Toda obra é vida. Nada é impossível, principalmente, quando se trata de W.J.Solha, em *A Vid'Aberta*, onde revela uma sensibilidade paralela ao reflexo do viver, das palavras, atitudes, pesadelos e sonhos.

*“... a vida não é brinquedo. // até o silêncio é sujeito a interpretações... / e quebra”.*

O autor, ao desafiar seus próprios receios, tem por objetivo buscar respostas para suas indagações, na diversidade com que observamos e (tentamos) conduzir a vida: “O que é que eu faço aqui?”. Pergunta para o que buscamos respostas na diferença dos dias, em que nada é impossível para a imaginação.

*“... Se a escadaria é medianeira entre nós e a ladeira, / arte é a que existe – com certa exclusividade - entre nós / e a eternidade...”*

Solha expressa a vida sem paz, no paralelo entre o bem e o mal, quando apresentado em torno da (in)verdade, como a luta pela velocidade e não pela sobrevivência, no evitar que as palavras caiam ao chão e que a nossa história não seja esquecida.

Sobre a cultura em geral, particularizada pelo cinema, as artes e a política, conta poeticamente atos questionáveis em relação ao peso da dor, da criação e da responsabilidade neste mundo regido pelo medo e descaso.

Nada é impossível quando o desejo se encontra com a competência na abordagem de discussões culturais e artístico-literárias; ao mesmo tempo, descreve com brilho os diferentes tons de cada palavra construída em *A Vid'Aberta*.

*“... O melhor quadro que pode haver na parede, é a janela...”*

Solha transcende, escolhe, integra e proporciona, na obra, encontros com os movimentos com que o homem se ilumina em referências na reconstrução dos excessos no mundo moderno.

*“... Sinto em meus escuros interiores / vários amanheceres...”*

Nada é impossível para o Escritor Solha, que detém o conhecimento com que nos leva a descobrir o seu traço e a sua intimidade no contraste das palavras.

*“... (Que sensação de alívio, ou de frio - tem o rio,  
ao penetrar no mar?)...”*

Ele percorre o circuito vital em sua importância no revelar, encontrar e solucionar as tarefas diárias; fossem a visão, reciclagem, passagem e passeio através das ideias com que conjuga a modernidade como história.

*“... há as entrelinhas entre o azar e a sorte, / o sul e o norte, /  
o fraco e o forte, / a vida e a morte...”*

Nada é impossível!



# ELES

## EM SUAS DIFERENÇAS



**Eles de braços abertos se inspiram, curtem e cuidam da história  
de amor que une gerações e ganha capítulos:  
ser pai**



## MUNDO MÁGICO: ser Pai

Mundo mágico é a história sobre um pai no tempo dos quintais, quando havia tempo para acompanhar os filhos em suas atividades e brincadeiras.

Era uma vez um pai que nunca teve medo da sua função. Sempre soube da responsabilidade e, com o passar dos anos, foi adquirindo experiência e se sentindo mais participativo e seguro com os seus filhos; ajudando-os a se tornarem responsáveis, autônomos, autoconfiantes e afetivos.

A educação sempre foi um desafio para ele e, cada vez mais, buscou construir e desenvolver nos filhos suas singularidades na diversidade, para que conseguissem lidar com este mundo de constantes transformações.

Através do diálogo, sobre os desafios do dia a dia, atendeu as necessidades dos filhos, na infância e na adolescência e, com uma “mãozinha” amiga, transformou o seu lar em algo encantador e mágico.

Ele não tinha talento para criar novas brincadeiras, mas sempre contou histórias, falou dos sonhos, dos amigos e dos livros (toda criança tem uma *terra do nunca* em sua imaginação).

Foi um pai que mostrou aos seus filhos o amor que por eles sentia, mas percebeu com o tempo que não era fácil medir o amor.

E o desafio para as crianças dormirem? Verdadeira passagem secreta, repleta de mistérios e aventuras, com poderes mágicos e muito mais. Um mundo de descobertas para os filhos e para ele – o que o levou a perceber, de maneira carinhosa, como

esse momento pode ser interessante. Aprendeu a criar um cenário perfeito, especial, para participar desse momento único.

A vida desse pai foi transformada em palco de encenações; com a ajuda dos filhos, montou diversos shows para a família e os amigos. Tornaram-se personagens que se integravam em vida. Sonharam serem “livros” de aventuras, onde aprenderam o sentido da verdadeira amizade.

Até hoje ele mantém ótimo relacionamento com seus filhos. Estão todos casados. Ele é pai, sogro e avô. E sempre repete aos filhos para que preservem a originalidade de suas ideias e busquem a felicidade.

Mostra que todos têm o direito de sonhar e realizar os seus sonhos. Ajuda a fazerem a escolha certa; a perceberem os sentimentos, de acordo com os contextos que se apresentam.

É um pai que até hoje vive uma grande aventura com os seus filhos, estimula as diferenças e a diversidade, adora brincar, aprender, contar e ouvir histórias, neste mundo mágico.

## SER PAI: um talento

Posso dizer muitas coisas sobre os pais: o quanto são importantes para nós e como aprecio os seus talentos. Eles são obras de arte, peças únicas de valor, lindos e cada um dentro da sua moldura. Ser pai também é “padecer no paraíso”, ainda mais quando é considerado como:

MANUEL BANDEIRA: pai da poesia moderna brasileira; o primeiro a fazer versos livres, como encontramos no livro *“Libertinagem”*.

JOÃO GILBERTO: descobriu uma nova “batida” para o violão; mestre da Bossa Nova junto com Tom Jobim.

ÉRICO VERÍSSIMO: consagrou-se como uma das maiores expressões da moderna ficção brasileira.

OSWALDO DE ANDRADE: escritor, um dos idealizadores da Semana da Arte Moderna, em 1922.

MACHADO DE ASSIS: considerado o pai do realismo na literatura brasileira.

NÁSSARA: pai da moderna caricatura brasileira e compositor de ALÁ-LÁ-Ô, sucesso carnavalesco até hoje. Seu traço é uma mistura de cubismo com confete.

RUBEN FONSECA: considerado um grande escritor, “dos sem prefácios nem posfácios”.

LUIZ GONZAGA: pai do “baião” foi quem pôs a música nordestina no mapa. Pai de Gonzaguinha.

JORGE AMADO: escritor baiano, pai do romance nordestino.

CARTOLA: considerado o “mestre divino do morro”, um dos maiores nomes da MPB.

DI CAVALCANTI: um dos primeiros artistas plásticos brasileiros a voltar a sua atuação para temas nacionais.

GUIMARÃES ROSA: revolucionou a prosa brasileira, apresentou ao leitor (quase) um novo idioma para contar histórias da gente do sertão.

DORIVAL CAYMMI: mestre dos mestres; presenteou o samba com os hábitos, as tradições e os costumes do povo e a paisagem baiana. Pai de Nana, Dori e Danilo.

RAUL SEIXAS: pai do rock brasileiro, com forte influência sobre os novos roqueiros, o “Maluco Beleza”.

CHICO BUARQUE: consagrado nos festivais, ganhou fama nacional com “A Banda”. Atualmente divide seu tempo entre a música e a literatura.

Este texto tem a pretensão de deixar uma mensagem, representada nessa pequena amostra, de como os nossos pais conseguiram mudar, ajudar, ocupar seus lugares nos transmitindo “recados”. Na verdadeira obra de arte, um é o outro, interagindo. É inevitável, pela legitimação e qualificação, reconhecer o trabalho dos pais.

Todos fazem arte consciente de sua função no universo, invadindo carinhosamente o nosso espaço, fazendo a diferença em nossos dias. Por isso são especiais, capazes de sempre despertarem em nós a exclamação: parabéns, papai! É a mensagem aos pais que são nosso porto seguro em formatos distintos; cada um, recoberto com a sua cor e moldura são parte de um quadro, junto um cartão com os dizeres: Pai, obrigado por fazer parte e ser a diferença na minha vida. Eu te amo!

## QUE tipo de PAI é VOCÊ?

*“Sabeis por que acho na velhice encanto? Porque é velhinho o pai  
que sei amar, E em cujo peito vou esconder o meu pranto”  
(1924 / Ziza de Araújo Trein)*

Como filho, aprendi com meu pai que, quando se fica muito tempo fora de casa, é preciso arrumar uma maneira para passar algum tempo livre com os filhos. Meu pai acredita que os problemas se resolvem apenas vivendo num mundo, que é quando ele tem tempo para acompanhar o filho em suas atividades e brincadeiras.

Nesse mundo mágico, o pai não tem medo da sua responsabilidade e, com o passar dos anos, sente-se mais participativo e seguro para ajudá-lo a se tornar responsável, autônomo, autoconfiante e afetivo, com o objetivo de enfrentar o mundo real. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“Pai presente... // Lembrança do tempo / Em que estivemos / Juntos // Sua presença / preenche claros medos...”*

A educação foi um desafio para o meu pai e, cada vez mais, ele buscou construir e desenvolver em mim as singularidades na diversidade, para que eu conseguisse lidar com o mundo em constante transformação. Também, mostrou-me o amor que sentia e, através do diálogo, os desafios do dia a dia, sempre atendendo as minhas necessidades na infância, na adolescência e até hoje, o que faz do nosso lar algo mágico. Segundo Lima Coelho, *“Ser Pai //... É saber utilizar com maestria as ferramentas de precisão, aferindo oportunidade e valores para as lições que o conduzirão na vida...”*

Assim, a nossa vida – pai e filho – tem se transformado em palco de encenações onde juntos montamos shows para a família e os amigos. Tornamo-nos personagens que interpretam em vida e sonhamos sermos “livros” de aventuras, onde aprendemos o sentido da verdadeira amizade e cumplicidade, como em Miguel Cadaval, “... *Nos mais bonitos dos gestos / Quero me parecer contigo / E nos teus braços meu pai / Que encontro meu abrigo / Vou gritar que o mundo ouça / Meu pai meu melhor amigo.*”

Hoje, ele me perguntou: Que tipo de pai é você?

Respondi que, graças a ele, sou do tipo participativo e que mantenho ótimo relacionamento com a minha filha. Mostro que ela tem o direito de realizar os seus sonhos e fazer as suas escolhas, percebendo os diversos sentimentos, de acordo com os contextos que se apresentam. Sempre repito isto, para que ela preserve a originalidade de suas ideias e busque a felicidade.

Sinto até hoje viver uma grande aventura. Adoro brincar, aprender e contar histórias, deste mundo, para a minha filha. Encontro em Salete Aguiar, “*Na cadeira de meu pai estou sentado, / mas filhos não querem colo, / querem asas*”

# ELES NO MOVIMENTO DOS DIAS



**“... foi através da Poesia que foram contados  
os grandes factos históricos da humanidade.”**

(António Boieiro)



## MOVIMENTO dos DIAS

A independência que temos nos dias atuais, na liberdade de ir e vir, como e quando queremos revela quem somos. Demonstra o movimento dos dias em nosso esforço, o que também fortalece a ideia e os ideais de que precisamos esperar a hora certa para tomar a iniciativa de novo confronto, outra conversa e até mesmo um simples convite. Rodrigo de Souza Leão declara, *“... sou esquizofrênico... sou uma pessoa que necessita de certos cuidados: preciso tomar remédios específicos, viver uma vida diferente das outras e conseguir viver dentro das minhas “nóias”. Tenho que saber que a minha paranoia é paranoia e aprender a conviver com ela... É a convivência com a diferença...”*

Na hora “H”, o rumo do movimento dos dias segue explicações reais, o que torna difícil para compreendermos os motivos e as circunstâncias envolvidas pela vontade ou necessidade. Entretanto, refletimos sobre o valor do que temos a dizer, para exprimir as palavras certas. Rodrigo S. Leão, no seu primeiro livro, *Há Flores na Pele*, escreve sobre sua loucura em forma de poesia. Depois, narra a trajetória de um homem internado no hospício, através da obra *Todos os Cachorros são Azuis*.

Ao escolher as palavras nos comprometemos com a força no expor experiências e formas de viver e agir diferentes; assim, espelhamos o movimento dos dias. Por exemplo, confidências sobre em que nos sentimos prisioneiros? Do fracasso na carreira ou da rejeição no amor? Dos fragmentos da lucidez? O sucesso depende do talento e da capacidade de fragmentação do ser

humano. Às vezes, damos razões egoístas a um fato isolado, e nos sentimos presos ao coração, então, dizemos que são razões plausíveis decorrentes do movimento dos dias.

O que vale é saber que as pessoas não pensam do mesmo modo e valorizam atos e fatos diferentes, como os gestos que nos influenciam quando seguramos a mão de uma pessoa, como forma de frisar o sentimento. A melhor maneira para movimentar os dias é termos momentos de lucidez ao demonstrar nossa real intenção. Ainda em Rodrigo Leão, *“A vida é excepcional. É o lugar onde tentamos construir sonhos. Vida é algo que foi dado e só você pode tirar... Porque eu fui nascer esquizofrênico?...”*

## **BEM VIVER: o Encontro dos Poetas**

Ao me encontrar com a poesia, descubro que os poetas renovam, enriquecem e estimulam as transformações culturais. Escolhem caminhos, com sensibilidade; procuram equilibrar desejo e ação e experimentam cada minuto de suas vidas como se fosse único, com a riqueza dos detalhes.

Com talento natural e potencial criativo, perseguem seus objetivos, chegando à realização de grandes passos; sonhos que me emocionam. Retratam as mais belas obras, desnudando suas almas e revelando novidades, no rito constante da magia: bem viver o encontro dos poetas.

Poeta do Povo: Francisco Solano Trindade foi o primeiro poeta brasileiro que deu sentido à poesia afro-descendente, fazendo pelo ideal da valorização do negro.

Poeta da Vila: Noel Rosa, sambista da Vila Isabel, considerado o rei das letras. Retratado como personagem cinematográfico no filme “Noel – poeta da vila”.

Poeta da Trindade: Saul Lessa, poeta e trovador. Brillhou no mundo da trova, no Rio de Janeiro e no Brasil; Sonetista que fez poesia na Ilha de Florianópolis e em Santa Catarina.

Poeta dos Solidários estados da alma: Alcides Buss, chamado assim pela obra “Cadernos da Noite”.

Poeta Nacional: Ferreira Gullar, que abriu caminho para o movimento da cultura popular, refletida em sua obra.

Poeta da Fala Coletiva: Francisco Alvim, que criou um estilo pessoal a partir do coletivo: “Lemos sempre um a mais”.

Poeta do Cinema: Humberto Mauro, pioneiro do cinema brasileiro, inspirador do cinema novo em nosso país.

Poeta do Deslumbramento: Armindo Trevisan, que foi em busca da palavra do ser. Sua inventividade verbal é revelada através de uma poesia social.

Poeta Concretista: Augusto de Campos é quem trabalha a criação de poemas objetos e poemas pôsteres, declarando a abolição da palavra.

Poeta Maldito: Roberto Piva revolucionou a linguagem escrita. Veio para transgredir na poesia e na vida.

Poeta Perverso: Celso de Alencar é poeta escandalizador e libertador de almas. Sua obra é violenta e cinematográfica.

Poetinha: Vinícius de Moraes, “A vida do poeta tem ritmo diferente. Ele conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e olhando o céu... Clareando como um raio de sol a paisagem da vida”.

Nesse encontro a poesia não é apenas forma de pensamento, mas sim, abordagem da vida que pode ser escolhida: bem viver, nas palavras de José Saramago, “... *As palavras mais simples, mais comuns, / As de trazer por casa e dar troco, / Em língua doutro mundo se convertem: Basta que, de sol, os olhos do poeta, Rasando, as iluminem*”.

## O TOM da IMPRESSÃO

É hora de refletir sobre o tom da impressão que tenho e que pode melhorar o meu viver. É difícil falar sobre impressões, pois elas são tantas, umas positivas e outras não. Crio meios para com elas concretizar as aspirações e traçar o projeto de vida. É importante saber respeitar o tom que cada impressão causa em mim. Nas palavras de Ivaldino Tasca, *“Sentimentos, vivências, experiências, relações não são facilmente compreendidos, assimilados e verbalizados quando mergulhados na infinitude de tons com que batem, desdobram-se e rebatem os nem sempre ponderáveis componentes da essência do ser”*.

A impressão que fica das leituras é que me inspira no amparar as mudanças; recarregar as energias e repensar como lidar com o sonho para se tornar realidade. Por exemplo, o poema de Tanussi Cardoso, *“Plástico, Matéria Plástica”*, causa-me a impressão de comoção, com a voz tímida (imersa em silêncio) e ao mesmo tempo tocante, serena e profunda: *“na página do livro / a letra da minha irmã / viveu mais do que ela // - traços mais que um corpo // vive a letra a escrita e a palavra / - onde a alma a pele o rosto?// Mais viva que a morte / osso nu / desconstrução do gosto / a memória da morta / insiste / existe / na letra na palavra / na poesia do livro”*.

Tanussi busca, no mistério da saudade e da morte, o reencontro através da palavra. Aprofunda-se na melhor poesia, ao traduzir o sentimento como fogo em chama. Mostra o essencial como força da imagem transposta no tempo como contraste entre a percepção e a expressão, causando a impressão que beira ao real.

Ele, descreve a hora ante a saudade absorta com a ausência, revela o sonho em cada palavra e a impressão perpetua no espaço como eco a expandir a linguagem, como é no poema, retrato das suas sensações.

Ao ler estou ligada aos sentidos, que o poema afeito ao argumento é irrefutável impressão como influência; afinidade com vínculos sentimentais, um pouco mais ou menos e, por vezes, na medida certa. Há o meu olhar que precede a reflexão no foco do poema em que embarco na sensação de novas possibilidades de leitura: a força da poesia de Tanussi, como experiência e perspectiva, que se revela em arte, onde a impressão se apossa e se transforma no tom desejado.

Segundo as impressões de Thomaz Albornoz Neves, *“Recorda e terás esquecido / nada ocorre por acaso / não há destino escrito”* e, José Eduardo Degrazia, *“O poema entrou em mim // como se / derrubasse a porta / de uma casa //... e caísse sobre o peito / de um homem”*

## CHEFE MANDA

Quando criança, brincávamos de “chefe manda”. Perguntávamos, *Chefe posso ir? Quantos passos?* Respondia, *um de formiga, quatro de elefante...* Assim por diante, até a marca da chegada. Hoje adultos, o chefe manda e nós colaboramos ou o bajulamos? A qual grupo pertencemos?

A pergunta é: há bajuladores ou colaboradores no trabalho? É triste pensar que alguém que bajule tenha destino diferente; seja promovido no trabalho sem necessidade do reconhecimento pelos seus afazeres.

A diferença é que o ato de bajular é uma armação, espécie de “efeito” no convívio. Pior, o bajulador sempre pensa que o “poder” compensa. O que não o melhora, pois, deixa a sensação de falsidade; o ar deslocado em que, muitas vezes, é promovida uma pessoa na rapidez dos impulsos e emoções diluídas no dia a dia. É assustador saber que sempre haverá quem necessite ser bajulado.

Essa é uma das amostras do mundo real, onde a névoa bajuladora desvia os olhares para viver do que pode destruir a capacidade de reação.

O colaborador age diferente no desempenho da sua função, conversa racionalmente sobre o assunto, visa atender a necessidade disso ou daquilo; está sempre em busca do equilíbrio entre as ações, a competência e o incentivo. Tem por preocupação redirecionar conceitos positivos para quem o comanda.

O colaborador e o bajulador, em suas áreas de ação conjugam a mesma rede de acontecimentos e o que existe de simbólico entre eles é que ambos têm a esperança de vencer.

Vivemos tempos de ilusões, o que me leva a desconfiar de “cargos e chefias”, que, em grande número são protegidos pelo próprio sistema, em que suas necessidades são “criadas” por quem os rodeia. Muitas vezes, constato que não há sentimentalismo, mas, apenas o jogo entre o homem e a promessa futura.

Espanto-me como se estivesse distante da paisagem que se abre para o horizonte, onde a ideologia, a ética e a moral existissem apenas para se destacarem no tempo imaginário, da utopia. Será que esses conceitos estão em descrédito? Pedro Du Bois demonstra no livro, *O Descrédito e o Vazio*, o distanciamento dessas palavras que desapareceram ao se tornarem mero cinismo “estiloso”.

É interessante e conflitante, porque o bajulador representa a “oportunidade imperdível” e o colaborador, “muda para melhorar”. Talvez, a comparação esteja no sentido de vencer desafios no trabalho. Mesmo assim, a minha reação diante dos bajuladores é de revolta, pois, além de tudo, desestimulam os colaboradores que podem contribuir para que as mudanças aconteçam.

Claro que os mecanismos dos relacionamentos são comprometidos; ambos revelam que, em cada dia, o mundo das relações, mais uma vez, nos consome com seus (im)próprios modelos e não deixa espaço para as novidades, o que faz a diferença na convivência, entre obedecer e cumprir metas sem questionar. Restrições impostas por certos chefes, que não se limitam a persuadir, mas, procedem em favor do mundo dos

dóceis objetos de “mobilização e poder”, com o que liquidam com os novos tempos.

Onde o tempo é inventado no estilo de “melhor para mim”. O sentido é de ameaça e o bajulador se supera ao se engajar no relacionamento mesquinho e reducionista do “chefe manda”.

## DIAS PERDIDOS

Mario Quintana escreveu que *“Quem ama inventa...”* Diferente dos outros dias, esse, em especial, está perdido, porque não consigo fazer o tempo voltar, porque, para Tomaz Albornoz Neves, *“Torna-me / quem me esqueceu”*. Sei que é impossível fazer o tempo voltar, e que dependo de mim para dar ponto final nesse fluxo constante e, ainda, criar alternativas para assegurar que meus amanhãs não se percam.

Em cada dia perdido, me consumo em culpas, por não dar atenção ao que de fato interessa. Procuo evitar os esquecimentos (a)notando as prioridades; ter clareza do que vale a pena para não perder o dia é ponto de partida para superar e determinar o que posso deixar para amanhã. Albornoz reflete, *“Penso como quem esquece / como quem cai subitamente no esquecimento / e me expresso”*.

Depois de haver perdido o encontro, passo a escolher e separar em minutos o dia, para me dedicar ao planejado; para isso foi preciso trocar as atividades e driblar as situações, para não mais adiar os compromissos.

É bom ter perspectivas e resolver os dilemas na medida em que se apresentam; para que isso aconteça, crio situações que reflitam e reciclem as ideias. O segredo é inventar pequenos e vitais respiros no cotidiano.

Considero o dia perdido, quando lembro a morte do poeta Tagore Biram, no Chile, em 1988; deixou o premiado livro *O Anjo Desafinado*, onde encontro *“... não me venham dizer que não é tempo / de falar de flores e que / passou-se o tempo de falar de amores. / Eu, do meu lado não cansei ainda / de amar com meu*

*amor desesperado. / (mesmo não havendo intervalo / no calendário de minhas dores..."*

Por mais cuidadosa que eu seja, é improvável que consiga passar a vida sem ter, pelo menos, alguns dias perdidos.

## HOJE

Por definição, o hoje se instaura quando estamos demasiadamente dispostos a não nos espantar com a realidade, mas, tentar compreendê-la melhor do que ontem. Essa vivência forma estranhos sentidos, tornando misterioso o hoje; para Ana Maria Lopes, *“... Ontem //... A memória dorme cedo / assegurando ao segredo / fixar seu limite // Meu corpo insiste / em seu calar honesto / Daqui / não vejo o mar...”*.

Perguntamo-nos, para onde foram as cores do dia que se perderam no espaço; a flor da hora atravessada no tempo ao transbordar o dia exato? Não progredimos ao proibir palavras, como se vivêssemos de única palavra. Ana Maria Lopes expressa, *“... São pontas de um tempo / que não reconhece futuro / e o passado é apenas / a geometria do escuro...”*

Como argumentar que a vida é irredutível quando se propaga pelos campos no viver somente o hoje? Essa misteriosa questão faz com que interpretemos o presente em suas conotações e extrapolações. O que nos pode explicar porque nos referimos à crítica na necessidade para pensarmos o tempo como linguagem imediata, que nos manipula no esperar o dia seguinte.

É maneira para conversar conosco mesmos no refletirmos sobre a passagem do dia, analisando e revendo nosso posicionamento frente à decisão tomada, nos arquitetando e fortalecendo para o amanhã. Como em Ana Maria Lopes, *“Ando longamente pelos caminhos da memória / São tortuosos e sempre perco / Há muitas trilhas e desvios e devaneios. // Perdi o rumo ou foi a lembrança / que fechou o cerco?”*

Confesso ser processo de conversão com a repetição dos ritmos do tempo, onde nos fiamos apenas nas apresentações, com traço marcando o dia de hoje. Maneira, sem dúvida, de haver constância e relutância no reiniciar o que vimos fazer hoje: aprender a lidar com as críticas como dimensão das nossas reflexões; fórmulas e definições antes das preocupações que emergem das palavras na concepção para viver o hoje. Espantados, inertes, indiferentes ou assustados por lamentarmos o dia que não nos fortalece, ao contrário, faz com que pareçamos frágeis para sobreviver ao dia de hoje no mundo real. Moacir Araldi questiona, *“O dia de hoje está disponível. Quer usá-lo para ser feliz?”*.

## Obras da Autora

Amantes nas Entrelinhas

O Exercício das Vozes

Autópsia do Invisível

Comércio de Ilusões

O Eco dos Objetos – Cabides da Memória

Arte em Movimento

Vidas Desamarradas

Entrelaços



Catálogo do Projeto Passo Fundo

[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Este livro foi produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, por encomenda de seu autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização e distribuição desta obra.

[www.edicaopordemanda.com.br](http://www.edicaopordemanda.com.br)

ELES em diferentes dias



**TÂNIA DU BOIS,**  
residente em  
Balneário Camboriú,  
SC. Pedagoga.  
Articulista e cronista;  
textos em diversos  
portais, sites e  
blogs literários.  
Organizadora e  
revisora de textos;  
capista de livros.  
Participante do  
Projeto Passo  
Fundo (RS).

ELES em DIFERENTES DIAS seguem seus passos ilustrados e fazem de suas opções obras de arte: momento em que suas buscas geram as obras que cumprem seus papéis no tempo, no despertar em que descrevem e rabiscam seus dias passo a passo.

